

Dos Valores do Inimigo



Pedro Salgueiro

5

Pedro Salgueiro

Nascimento: 1964 – Tamboril – CE

OBRAS PUBLICADAS

1995 – *O Peso do Morto*
(Contos), São Paulo,
Editora Giordano

1996 – *O Espantalho* (Contos),
Fortaleza, Coleção
Alagadiço Novo

2000 – *Brincar com Armas*
(Contos), Rio de Janeiro,
Editora Topbooks

Dos Valores do Inimigo



Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Tarso Genro

Universidade Federal do Ceará

Reitor
Prof. René Teixeira Barreira

Vice-Reitor
Prof. Ícaro de Sousa Moreira

Editora UFC
Editor/Diretor da Imprensa Universitária
Luiz Falcão

Conselho Editorial CCV

Presidente
Prof^a. Maria de Jesus de Sá Correia

Membros
Prof^a. Ana Célia Clementino Moura
Prof. Carlos Alberto de Sousa
Prof. Cleuton Freire
Prof^a. Edilene Teresinha Toledo
Prof. Francisco Belmino Romero
Prof. João Luiz Pinheiro Bastos
Prof^a. Maria Florice Raposo Pereira
Prof. Plácido Francisco de Assis Andrade
Prof. Wagner Bandeira Andriola

Pedro Salgueiro

Dos Valores do Inimigo

Ao amigo poeta/cantista
 Soares Feitosa dedico
 estas pegadas na poesia
 do sertão, com o abraço

do
Pedro Salgueiro.
Abril 2005.

Editora 
UFC

Fortaleza
2005

Dos valores do inimigo

© 2005 Copyright by Pedro Salgueiro

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora Universidade Federal do Ceará – UFC

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

CEP: 60020-181 – Tel./Fax: (085) 4009.7485/4009.7486

Internet: www.editora.ufc.br – E-mail: editora@ufc.br

Divisão de Editoração**Projeto Editorial**

Luiz Falcão

Revisão de Texto

Adriano de Sousa Santiago

Francisca das Chagas Frota Nogueira

Francisca de Sá Benevides

Rogéria de Assis Batista Vasconcelos

Normalização Bibliográfica

Perpétua Socorro Tavares Guimarães

Diagramação e Formatação

Luiz Carlos Azevedo

Capa

Heron Cruz

Ficha Catalográfica elaborada por Perpétua Socorro Tavares Guimarães – reg. C.R.B. 3 nº 801/98

S164d	Salgueiro, Pedro Dos valores do inimigo/ Pedro Salgueiro. – Fortaleza: Editora UFC, 2005. 114 p. (Coleção Literatura no Vestibular, n. 5) 1. Literatura 2. Crônicas I. Título CDD 800
-------	--

ISBN 85-7282-169-4

SUMÁRIO

ACONTECIMENTOS

VISLUMBRE	9
PROCISSÃO	12
A FOTOGRAFIA	14
NO CARNAVAL	16
DESTINO	18
INVASÃO	20
ESQUECIMENTO	22
OLHO DE CÃO	24
RASGA-MORTALHA	25
ASAS DO VENTO	27
TODO DOMINGO ÀS TRÊS ou BALADA DE CONSOLO PARA ALTINO DO TOJAL	29
A PASSAGEM DO DRAGÃO	30
BRINCAR COM ARMAS	32
PÂNICO	34
A FESTA	36
ACONTECIMENTO	38

DOS VALORES DO INIMIGO

O OLHAR	43
A VIAGEM	46
PENUMBRA	49
O PESO DO MORTO	51
ELEFANTE	53

APURAÇÃO	55
DOS VALORES DO INIMIGO	57
QUASE-NOITE	59
MADRUGADA	61
ALEINE	63
O JOGO DE DAMAS	66
A ROSA ENCARNADA	68
A PROFECIA	70
A ESPERA	72
O DESAPARECIDO ou O MENINO DO CABELO AZUL	75
A LONGA ESPERA	78

SOLUÇÃO ANTIGO

AUSÊNCIA	85
A RUA DO CEMITÉRIO	87
ALEGRIA BREVE.....	91
CORONEL, CORONEL... ..	93
DOMINGO	96
EM FAMÍLIA	98
EPOPÉIA	100
JEREMIAS ou O VAMPIRO DA RUA DAS FLORES	102
LAMPARINA	103
MENINOS	105
VÉSPERA	107
URUBUS ou O DEDO DE D. JÚLIA	109
UM VELHO	112
SOLUÇÃO ANTIGO	114

ACONTECIMENTOS

*Tudo só porque tinham prestado atenção,
só porque não estavam bastante distraídos.*

Clarice Lispector

VISLUMBRE

“O que não foi, é”, ele deve ter ouvido enquanto se preparava para fechar a barbearia. Havia acabado de despejar a vasilha d’água na calçada, aproveitando para retirar a espuma ressequida do pincel: olhou na direção da praça, tentando localizar o autor daquela frase. Nada parecia diferente do que vira nos últimos quarenta anos – a praça deserta, os três grupos inevitáveis reunidos nas três esquinas opostas.

Pela primeira vez prestou atenção ao movimento das ruas, e o que fazia com naturalidade e displicência passou a ser feito usando todos os sentidos. Chegou à porta e espiou para um lado e outro sem, no entanto, localizar o autor da voz.

A frase se repetia em seu ouvido, parecendo um sussurro leve do vento: “O que não foi...” Os nervos estavam alterados desde a madrugada, quando resolveu mandar o bilhete pelo leiteiro... era analfabeto e com certeza não leria; não lhe pediu segredo, pois despertaria sua atenção — simplesmente ordenou que entregasse o envelope ao destinatário. Depois não conseguiu mais dormir, e ficou perambulando da cozinha para o quintal, evitando acordar a mulher que ressonava ainda no quarto.

Saiu de casa mais cedo do que de costume, seguindo o mesmo trajeto de sempre: pegou o beco, saindo na Rua de Baixo antes do cajueiro, aproveitando a sombra do casario que ainda

guardava um restinho de noite. Desceu o alto da igreja e atravessou a praça na direção da barbearia. Desta vez notou diferenças: os que ficavam nas esquinas não mais lhe pareciam apenas parte da paisagem, mas o olhavam de esguelha, como se lhe analisassem todos os movimentos; apressou o passo, meio desorientado. Sentou exausto na cadeira giratória em frente ao espelho, percebendo imediatamente que fazia isto também pela primeira vez; e (enquanto mirava com estranheza a própria imagem refletida) sua cabeça foi invadida por pensamentos confusos, as lembranças da infância misturavam-se com os acontecimentos mais recentes; mas nem sempre obedeciam a uma ordem lógica: o pai entrando na barbearia (quando o pai morreu não havia ainda a barbearia), ou sua mulher ainda bem jovem rindo em silêncio de sua impaciência costumeira; de repente se recordava de duas semanas antes, quando recebera a primeira mensagem. Haviam jogado o papel por debaixo da porta. De início pensou em brincadeira, mas como não tinha amigos rechaçou a idéia; depois imaginou fofocas dos vizinhos, também não levou adiante a hipótese... teriam mandado a cartinha para sua residência. Três dias depois novo bilhete, agora a carta perfumada ia direto ao assunto, não deixava mais dúvidas nem abria margens a outras interpretações.

O sábado e o domingo nunca pareceram tão longos, demoraram uma eternidade: ansioso pela segunda-feira com novos recados. Repentinamente se flagrava sonhando, e as lembranças da juventude eram inevitáveis, porém ansiosas... confusas.

Não tardou a receber notícias – já nesse momento acreditava sem reservas, apesar de todos os sentidos em alerta. Os fatos mais simples adquiriam uma gravidade perigosa... as janelas ganhavam olhos ameaçadores, a penumbra dos benjamins em volta da praça escondia sombras misteriosas. De uma coisa tinha certeza: alguém o vigiava, seguia seus passos. Jogava com ele uma partida perigosa. A última mensagem exigia resposta urgente confirmando o encontro. Por isso não pensou muito e rabiscou o papel com letra trêmula, sem forma definida, querendo encher a folha; passou a noite em claro, os cigarros

se multiplicando. A respiração pesada da mulher de vez em quando o trazia à realidade, mas não por muito tempo. De repente lembrou com saudade sua vida passada, tranqüila sempre... tão calma que muitas vezes chegou a amaldiçoá-la em silêncio, desejando uma novidade qualquer. No entanto, agora se arrependia, inconsolável, sem conseguir pregar olho... e concluía para si que um homem não pode sair impunemente de sua rotina.

E a manhã nem havia chegado quando ele despachou a resposta pelo velho do leite, de maneira displicente para não chamar a atenção. A tarde aproximava-se lerda, como se não quisesse chegar. A hora combinada era a mais discreta possível, pois a quentura não permitia uma saída a descoberto pelo meio da rua. Todos enfiados em suas casas, a cidade parecendo deserta.

Fechou a porta com muito cuidado, os olhos tentavam distinguir um movimento suspeito nos arredores. Desta vez não atravessou o jardim por baixo do flamboyant, mas seguiu a sombra dos benjamins à sua esquerda; os sentidos atentos o alertaram do perigo; não enxergava, mas sentia todos os olhares da cidade em sua direção; imaginou-se em um pesadelo, como os que costumava ter sempre, desde a infância. Apressou o passo e entrou no primeiro beco, atravessando o pátio da igreja; não avistava um só vivente, porém sentia um peso nas costas... o peso de sua audácia, de sua coragem de ir contra tudo aquilo.

Em sua cabeça a frase que o perseguia desde a manhã tomava uma forma mais definida, vislumbrando uma compreensão. "O que não foi, é" vai tornando-se uma súplica, depois uma dúvida, para finalmente descambar numa sentença. Mas aí já era irremediavelmente tarde para voltar atrás, e ele foi percebendo que fora enganado... friamente atraído para aquela armadilha. Às suas costas a cidade inteira esperava ansiosa pelo desfecho de tudo.

PROCISSÃO

O Senhor Morto ainda não havia dobrado a esquina da farmácia, demorava-se nas louvações em frente à janela do conselheiro Antônio Nobre. D. Bertolina erguia as mãos para o céu, repetindo o ritual de sempre. Os galhos de benjamins foram colocados em posição que propiciasse a demora. O meio da rua completamente forrado com as flores que o sacristão e os mais devotos providenciavam desde a madrugada.

E foi logo de manhãzinha, quando o magricela teve a triste idéia de largar sua tarefa de jogar rosas pelas calçadas para se dirigir ao balcão do boteco Riso da Noite, que a desavença aconteceu. Ele entrou implorando licença, olhou tímido para o proprietário e pediu um refresco. A gargalhada foi geral, uns riram por gosto, outros para agradar os parceiros. Negro Nilson se destacou dos camaradas e pegou o magrinho pela gola, enfiou-lhe a mão aberta no rosto, espiando de soslaio para os companheiros. Depois que o piedoso bebeu meia garrafa de aguardente e levou alguns safanões, foi atirado no meio da rua.

O cortejo havia acabado de passar pelo mercado e contornava a esquina da farmácia. Os freqüentadores do boteco saíam para a calçada e se misturavam com a multidão, perdendo-se entre os religiosos – os olhos fixos no corpo estendido do Senhor Morto, as narinas invadidas pelo cheiro de velas queimadas e o

adocicado das flores murchas. Os mais firmes arriscavam alguns passos atrás da procissão, logo desistiam e cambaleavam de volta; aqueles menos bêbados se escoravam nas paredes e no tronco de um benjamim, acompanhando com olhos tristes o féretro.

Os fiéis subiam já o alto da matriz, as velas tremelizando na direção do cemitério. No Riso da Noite restou apenas o silêncio. Em todos um certo clima de paz e medo, os olhos perdidos no infinito. Menos o negro Nilson que jazia debruçado sobre a janela, com os olhos arregalados e a boca aberta buscando desesperadamente o ar – as mãos cheias segurando as vísceras.

Bem longe o cortejo descia devagarinho a Rua da Saudade, um dos braços do andar vazio, o Senhor Morto ligeiramente inclinado para a esquerda.

A FOTOGRAFIA

O primeiro verão que eu passava sem Laura corria tristemente, como se não quisesse mais acabar. Aquele estranho esquecimento estampado no rosto de todos me convencia de que talvez ela nunca tenha existido, não fosse...

...Recordava-me da última época feliz de sua vida, quando a muito custo conseguiu convencer sua família a deixá-la ir com o noivo – o único amor de toda a sua vida – para uma viagem há muito planejada.

Da viagem pouco se soube na época, a não ser que fora curta, três meses, e que ela voltou sozinha. Nunca mais pronunciou uma palavra e morreu de tristeza uns vinte anos depois, a cabeça embranquecera impiedosamente, o olhar ficou para sempre perdido no infinito, a língua eternamente presa.

E de sua morte nunca ninguém da família falou, como haviam calado na morte misteriosa do noivo. Do velório somente a família participou; e, sendo primo distante, pude vê-la pela última vez, magra, entre as flores furtivas.

Desde aquele dia tenho uma obsessão: descobrir o que se passou; senão tudo, pelo menos algo que me satisfaça e deixe meu coração em paz, pois nunca pude esquecê-la – desde a menina levada, linda a correr pelos jardins, até a mulher triste dos últimos dias.

Com muito cuidado me aproximei de conhecidos, vizinhos e familiares de ambos (pois sempre soubera que um mistério estava ligado ao outro, uma morte à outra, mas...), inutilmente, nem confissões, nem suspeitas. Até os desafetos da família silenciavam, como se tudo o que passou, como se aquelas vidas nunca tivessem existido... e eu me senti um louco, tentando com que os outros me explicassem algo que só existia em mim.

E para não enlouquecer totalmente, dediquei minha vida inteira a esse mistério... e me sinto fraco; pouco a pouco as lembranças vão se misturando, sinto necessidade de saber... no entanto, a única pista que descobri diz respeito a uma fotografia – não de Laura, mas do noivo –; uma fotografia tirada na viagem deles, e só a vi uma vez, rapidamente (e de relance), antes que a mãe dela a rasgasse nervosa, diante de meu espanto.

O que vi na foto não lembro, devo ter bloqueado a memória devido ao susto, porém, se não recordo... sinto no mais íntimo do meu coração... apesar de não saber ainda o que aconteceu... mas juro que passarei o restinho de minha vida tentando descobrir... e hei de saber um dia... juro!?

NO CARNAVAL

Nem bem deu sexta-feira e a Luzanira sumiu, mas só notaram sua falta à hora de dormir – a rede estirada no canto da sala permanecia murcha –, aí foi um procura aqui e acolá dos diabos. Todos os recantos da casa e do quintal minuciosamente vasculhados, a rua inteira – de porta em porta – acordada, causando um frenesi apenas abafado pelo som dos blocos que passavam vez por outra na rua de trás.

Pela madrugada os vizinhos iam se recolhendo, cada um tinha uma versão do sumiço; e somente a família não pregou olho naquela noite; continuaram a ouvir o barulho dos blocos até de manhã, então abriram as portas e foram novamente bater à casa dos vizinhos.

Já passava do meio-dia quando tomaram a decisão de denunciar o caso à polícia; deram parte, responderam às perguntas do escrivão. Prometeram investigar com a ajuda de um retratinho. A família dividiu-se em meio a um pequeno bate-boca: uns resolveram voltar para casa lamentando o ocorrido, outros partiram para os hospitais; a irmã caçula – a mais sonhadora – decidiu ir à rádio, para divulgar a notícia entre um samba e outro. Cansados, somente à noitinha tiveram coragem de procurar no necrotério, onde a busca do corpo entre os dos indigentes foi inútil.

Os cinco dias de transtorno foram enfrentados a calmante e chá de cidreira, além do apoio constante da vizinhança.

E sequer amanheceu a quinta-feira, lá estava a Luzanira ao pé da porta. O rosto baixo buscava os pés de quem se aproximasse, a roupa e o cabelo brancos de maisena – apenas balançava a cabeça de baixo para cima, ou de um lado para o outro, conforme fosse a pergunta.

DESTINO

Capricho tolo este de querer que as histórias tenham sempre uma explicação, um desfecho razoável. Inutilmente buscamos compreender tudo – como se qualquer acontecimento tivesse conclusão lógica: mas a vida nos prega peças a todo instante.

Também o que o destino queria aproximando uma donzela simples, dessas que nascem em uma cidadezinha perdida no interior mais distante, de um marinheiro solitário, daqueles que passam meses em alto-mar, apenas vivendo alguns poucos dias do ano em terra: ele anunciou em revista de novela – das que são vendidas em qualquer esquina das cidades grandes e que muitas vezes chegam ao interior nas mãos de viajantes – o desejo de encontrar uma companheira, simples e honesta, para futuro compromisso: e a resposta veio em carta longa (o papel com cheiro de alfazema), de letra caprichada e frases bonitas. Alguns meses e novas cartas selaram o namoro, adiantaram o noivado – ficando o casamento marcado para um maio florido e bem próximo.

O pai da moça gastou o que tinha, vendeu o que não possuía para reformar a casa singela e fazer o enxoval da filha; o moço chegou ao vilarejo envolto em mistérios, num clima de ansiedade e desconfiança. Foi tratado como príncipe nos três dias de festa,

e os preparativos para a partida do casal brindados com alegrias e muito choro. A mãe lamentava entre lágrimas a perda da filha, o pai anunciava orgulhoso o ganho de um filho, os irmãos dividiam as atenções aos noivos.

Na manhã da partida caía uma chuvinha fina, algum romântico diria que até a natureza chorava, em vão... pernoitaram numa cidade próxima, onde apanhariam o trem para a capital distante: dois dias depois – para a surpresa e descontentamento de todos – retorna a filha querida, olhos vermelhos e de cabeça baixa. Enfurnou-se em um quarto escuro dos fundos da casa, dali jamais sairia (nem para comer ou beber) – o marido seguiu viagem para nunca mais se ter notícias.

Hoje quase todos já esqueceram o acontecimento, e as suspeitas dos motivos da inesperada separação se cansaram em suas tentativas inúteis de explicação. Nunca ninguém soube do que se passou, sobre o que conversaram durante os dois dias e as duas noites em que foram casados. De tudo restou uma senhora antiga, de cabelos brancos e rosto pálido, que nunca mais saiu de casa nem falou palavra, e um marinheiro desaparecido, do qual jamais se ouviu falar novamente.

INVASÃO

Desci do ônibus, atravessei a rua distraído, que nenhum automóvel circulava àquela hora perdida da madrugada. Eu seguia o mesmo caminho de sempre: as coisas todas tão conhecidas que jamais notamos suas presenças. Pensava exatamente nisto, enumerando mentalmente os objetos que apareceram (muitas vezes sem que tenhamos feito força alguma) e desapareceram de minha convivência sem que eu tenha sequer percebido, quanto mais sentido a sua falta – as velhas chinelas franciscanas que ainda agüentavam uns dois invernos, o tapete marrom da porta de entrada, a lata de pomada Minâncora que já apresentava alguma ferrugem na tampa, o guarda-chuva usado no penúltimo inverno – ao mesmo tempo que ia enumerando os objetos outrora tão familiares, eu procurava um destino dado a eles: a sandália deveria ter sido jogada no lixo pela arrumadeira, que também devia ter dado igual destino aos outros, ou talvez alguns deles ainda estivessem escondidos num cantinho qualquer do guarda-roupa, na despensa dos fundos do apartamento; o livrinho de poemas, que eu havia riscado com minha letra insegura de adolescente (e que vez por outra relia para rir dos meus românticos anseios de outrora), devia ter sido levado por algum amigo ou namorada eventual... Perdido em devaneios, não percebi que já contornava a esquina em frente ao meu prédio: e, como nunca tinha feito, parei no meio do pátio e olhei demoradamente a janela

aberta. Dela uma silhueta magra de vez em quando se destacava, sumindo para retornar logo em seguida. Nunca ficava de frente para a rua, não me dando a oportunidade de reconhecimento. Quem estaria a esta hora da noite em minha sala de visitas, transitando com aquela tranqüilidade toda?... Sem coragem de ir averiguar, atravessei de volta a rua e me sentei no meio-fio, dando-me um tempo para pensar. Nisso a rua foi sendo vista por mim com outros olhos, sem a segurança de outrora, pois agora um desconhecido invadiu minha casa. O prédio fronteiro tinha outra cor; na esquina, em vez da farmácia, havia uma floricultura – e tudo o que me era tão familiar se foi tornando diferente, até meu prédio não me passava a confiança de antes. A segurança do estranho em minha sala não me deixava dúvidas: algo se desprendia de mim, inevitavelmente. Levantei-me tonto da calçada, inseguro mas resignado, certo de que havia perdido algo... Mas também confiante de que teria a vida inteira para recuperá-lo.

ESQUECIMENTO

para Jamil Snege

O pior dele, ou o melhor, é nos fazer enxergar que já não somos os mesmos – se o corpo já não ajudava, agora a cabeça...

Havia acordado com a sensação de que estava atrasado: o sol um pouco mais forte reverberando na janela, daí o suor escorrendo no pescoço. Levantei-me atrapalhado, o pé fora do chinelo. Corri ao relógio... boa pergunta: o relógio? Onde? Inutilmente vasculhei a escrivaninha, o armário, a estante, a cozinha, o banheiro, o cesto de lixo, entre livros e revistas... parei ofendido, disposto a não me entregar: finquei pé, que teria de encontrá-lo, nem que me atrasasse mais, nem que faltasse ao trabalho, nem... O sol mais alto, o suor encharcando o pijama. Talvez já perto do meio-dia, e todos os cantos da casa minuciosamente vasculhados, remexidos. Pragas, lamentações... e uma constatação: batalha perdida... É!, batalha perdida... mas não a guerra: que estava longe de acabar. Solução – pegar o telefone e ligar para o informador!... Não! Derrota total, render-se tão cedo à força do inimigo. Vaguei de novo por todos os aposentos, refiz mentalmente o itinerário da tarde e noite passadas; onde o bendito relógio?... porém bastava ir à janela, perguntar a algum passante a maldita hora; parada brusca já na sala. Nunca!... Admiti a derrota, mas apenas parcialmente. Fui ao banheiro, fiz a barba, cortei os cabelos do nariz; estava calmo, verdade! Estava: Juro! A cabeça bem longe... o banho: a última esperança de encontrá-lo na

saboneteira. E não deixei de ensaiar um leve sorriso ao vê-lo descendo chuveiro abaixo, molhadinho... Em vão sonho! Enxugome com vagar, recuperando o domínio da situação; talvez apenas o susto inicial do óbvio: de que inevitavelmente estou envelhecendo. Visto a roupa, agora com capricho, senhor de meu segredo amargo, mas inevitável, que me fora contado há pouco. Mais ameno, conformado, tento me convencer de que continuarei a guerra quando retornar do trabalho à noite – sem falta, afirmo entre lábios, os olhos de perito mau, vingativo... a meia fina metodicamente ajeltada: e agora o pé quente penetra no sapato – quando sinto os dedos em contato com o objeto frio, metálico... Sentado estava, sentado fico. Coragem alguma de olhá-lo, de contabilizar os estragos.

OLHO DE CÃO

para Eusélio Oliveira

A imagem era mostrada por uma câmara pequena e escura que rastejava pelas ruas desertas do Benfica, focalizando gatos sorrateiros em cima de telhados e esparsos carros rasgando o silêncio da noite. De um beco e de outros saíam pessoas assustadas e pisando em falso; olhavam para todos os lados, vindas de várias direções – mas não se encontravam, como se estivessem em planos espaciais diferentes –; tiravam dos bolsos velhos papéis amarrotados e os pregavam nas paredes de casarões em ruínas, quando eram só afugentadas pelos primeiros raios de um sol laranja e orvalhado. Em pouco tempo tudo estava em movimento, as pessoas e carros caminhavam apressados em todas as direções, e uma pequena multidão se formava em torno de cada papel pregado, disputando – a cotoveladas – olhadelas fixas nos oitões; e depois de lerem, as reações eram diferentes, variando de choros uivantes a gargalhadas histéricas, passando por soluços e sorrisos à Monalisa, porém nenhuma saía indiferente, até que os papéis eram levados pelo vento a alturas que os olhos passantes não conseguiam acompanhar. Daí então tudo retornava ao de antes... e as pessoas voltavam a ter sombras.

RASGA-MORTALHA

para Moreira Campos

Sempre, no início da madrugada, se observava o estacionar de carros: seus passageiros, impecavelmente vestidos, traziam consigo estranhos objetos. Chegava, de preferência, um grupo de cada vez – desciam dos automóveis com a maior brevidade possível e esgueiravam-se pelas sombras dos benjamins. Quando, por coincidência (e raramente isto acontecia), se encontravam na entrada, cumprimentavam-se em acenos curtos, os olhos vacilantes procurando o chão.

Certa noite um dos grupos trouxe um antigo arado, coberto de ferrugem e sujo de barro. Outro desentocou do porta-malas um pássaro enorme, os pés metidos num saco plástico e o bico amarrado com tiras de pano. E ninguém estranhou quando apareceu uma senhora, entre soluços e lágrimas, orientando a família no descarrego de um grande espelho de parede, e entraram cabisbaixos como se acompanhassem um féretro.

A casa, desabitada fazia muitos anos, preservava em seus jardins galhos secos e retorcidos sobre os muros. Na cumeeira, um ninho de rasga-mortalha, de quando em vez um ruflar de asas saindo pela clarabóia. O aspecto intrigante e, por que não dizer, tenebroso da construção completava-se pela estranheza de ser freqüentada somente em horas bastante impróprias.

O último a chegar era sempre um homem alto, de cabelos grisalhos, a barba rala, o olhar profético e regrado, que certamente concentrava em si alguma forma de poder sobre os que ali estavam. De maneira contrária aos que já haviam chegado, punha-se fixo em frente a casa, mirava-a na altura do telhado, levantando a face para o alto como se contasse as estrelas ou, talvez, meditasse sobre algo, e só então entrava.

As reuniões, se é que havia, transcorriam de forma obscura... e, se existiam dogmas, um deles era despertar a curiosidade dos moradores da vizinhança.

ASAS DO VENTO

Desde que a volante do sargento Aprígio passou, a cidade não teve mais sossego: além de maltratarem quem olhasse enviesado para algum deles, também saquearam casas e o comércio. E, achando pouco, ainda espalharam o boato de que o capitão Virgulino poderia atacar a qualquer hora.

Enquanto Graciliano, orientado pelas páginas velhas de um almanaque, ensinava seus homens a cavar trincheiras no lado oeste da cidade, as mulheres amolavam facas e espetos e limpavam as espingardas enferrujadas. Os mais novos armavam arapucas para os lados do rio, esperando ansiosos pelos cabras do capitão.

No começo da tarde o telégrafo noticiou que o bando de Lampião atacara o Crato, no outro extremo do estado, e sumira mais uma vez na caatinga, perseguido por duas volantes comandadas pelo cabo Libório.

Por acreditarem que o capitão e seus homens tinham parte com o Satanás, os mais temerosos ficaram aflitos, pois sabiam que eles atravessavam o sertão de ponta a ponta num piscar de olhos, atacando, às vezes, cidades distantes quase à mesma hora. Outros, mais sossegados, balançavam as cabeças, incrédulos, e afirmavam que os invasores não seriam piores que os ladrões do Aprígio.

E à tardinha tiveram notícia de que os cabras de Lampião se aproximavam. Um redemoinho ciscou pelas ruas. O sino da capela deu o aviso combinado. Mas eles desviaram da cidade lá para as bandas do curtume velho e só foram notados pelo alvoroço dos urubus. Avistaram o bando apenas de longe, e contam que os viram exigindo dinheiro e mantimentos de uns donos de fazenda, atacando reses e cabritos que encontrassem pelo caminho.

Os da cidade permaneceram em alerta, apesar da aparente calma. No dia seguinte notaram que os dois filhos de Mariquinha tinham sumido, dizem que acompanharam o bando; três presos que apodreciam na cadeia escafederam-se sem deixar rastros. Alguns juram que eles varreram a cidade durante a noite e sumiram numa velocidade espantosa... como se fossem o vento da madrugada.

TUDO DOMINGO ÀS TRÊS OU BALADA DE CONSOLO PARA ALTINO DO TOJAL

Durante as semanas seguintes, minha consciência pesava toneladas, qual um navio irremediavelmente encalhado com seu carregamento em ouro. Vaguei inconsolável pela cidade, andava distraído e não foram poucas as vezes em que eu quase me meti à frente de um carro em grande velocidade. Não sentia fome e pensava se não seria aquela pérola tolamente extraviada por mim, a mulher da minha vida, minha alma gêmea tão ansiosamente procurada, e que o destino, brincalhão, jogava aos meus pés naquela triste cama de hospital.

Quatro semanas e dois dias foi o tempo que levei para dobrar a teimosia e ficar em paz com a minha consciência. Após várias tentativas, enfim passei pelos corredores melancolicamente brancos, procurei a enfermaria, misturando-me com as visitas das três horas – embora soubesse ser impossível ela continuar me procurando todos os domingos –, tentando inutilmente encontrar aquela figura que não saía dos meus pensamentos.

Dirigi-me à cama que eu mesmo ocupara, e não me surpreendi com a cena: a jovem esbelta e trágica, que outrora me cortejava, estava sentada ao pé de um outro que nada tinha a ver comigo – as laranjas e os livrinhos de *cowboy* jaziam encostados na mesa-de-cabeceira, enquanto a minha caixeirinha alisava pacientemente as dobras dos seus lençóis e olhava para o estranho com os mesmos olhos dóceis com que, antes, olhava para mim.

A PASSAGEM DO DRAGÃO*

para Virgílio Maia

Foi assim de repente, quando menos se esperava (em plena tarde morna), o sol tornou-se pálido, para sumir logo em seguida. O povo ainda não havia acabado de se assustar – ouvimos no meio da escuridão um bater de asas atravessando o vilarejo, como se um bando de pássaros saísse em revoada. Um pouco antes de os moradores da vila abandonarem suas casas em grande alvoroço, os bichos já alarmavam o acontecido: galinhas cacarejavam, galos cantavam em desespero, porcos fugiam pelas ruas atropelando as pessoas...

O relógio do mundo parecia ter sido alterado, os sons se intensificavam mais e mais e não havia quem não gritasse ou corresse de um lado para o outro. Mulheres procuravam seus maridos, mães clamavam pelos filhos, ninguém se entendia.

Alguém com a voz desesperada anunciou o fim do mundo: suas palavras ecoaram em outras bocas... e o que se ouviu depois foi um desfiar de rezas e choros. Os mais agitados gritavam o nome de Deus, pedindo ajuda; outros sussurravam *padre-nossos* em meio ao soluço intenso. A maioria andava de um canto a outro feito barata tonta.

* Às 9 horas da manhã do dia 29 de maio de 1919, na pequena cidade de Sobral – Ceará – Brasil, uma comissão científica composta por astrônomos ingleses, norte-americanos e brasileiros comprovou a Teoria da Relatividade Geral, de Albert Einstein, anunciada teoricamente em 1905.

(Estávamos apreensivos desde a semana anterior ao acontecimento, quando a chegada de três grupos de forasteiros fez com que todos saíssem para as ruas e corressem, admirados, atrás dos automóveis, que pela primeira vez cortavam a poeira de nossas ruas. Das três equipes somente uma falava de maneira compreensível, as outras duas apenas trocavam entre si uns mungangos. De início se instalaram na praça da matriz, armaram barracas de lona e começaram a abrir grandes caixas trazidas nos automóveis; vez em quando tinham que interromper o trabalho para afastar a multidão de curiosos que avançava a todo instante. As crianças infiltravam-se entre eles, rindo muito da voz arrevesada dos homens brancos, que suavam como fossem se desmanchar. Com uma semana, todos os aparelhos já estavam montados, grandes canhões apontavam, de diversos cantos da praça, para o céu. Os mais entendidos da vila, fingindo compreender as explicações dos forasteiros, tentavam acalmar a maioria, que permanecia apreensiva com tudo aquilo. Antes que os moradores do povoado se acostumassem com os visitantes e suas extraordinárias máquinas de apontar para o céu, o mundo escureceu pela primeira vez às três da tarde.)

Mas também de repente, como tinha escurecido, começou a clarear: primeiro o mundo ficou novamente avermelhado, depois amarelo e logo totalmente claro. Na praça os estrangeiros davam pulos de alegria e estouravam garrafas de espumas. As três equipes agora se misturavam em abraços e os que falavam melhor tentavam, em vão, explicar aos curiosos o que havia acontecido. Demonstraram tudo com euforia, mostrando pequenas fotografias, porém não souberam explicar de onde surgiu e para onde foi o imenso pássaro que sobrevoou a vila na escuridão.

No mesmo dia desmontaram os aparelhos e foram embora, não sem antes deixarem uma estranha estátua (em homenagem ao dia da escuridão) no centro da praça: coisa que também os moradores não entenderam direito e ainda hoje perguntam uns aos outros do que se trata.

BRINCAR COM ARMAS

para Majela Colares

Infinitas são as vezes em que o Diabo se manifesta entre os filhos de Deus aqui na terra. E uma das ocasiões de presença certa do Tinhoso entre nós é quando brincamos com armas. Poucas não são as situações em que Ele prega peças aos incautos, mudando a direção da arma, puxando o gatilho e por vezes até colocando balas em revólveres descarregados.

E da maneira como aconteceu com Lucas não foi a única; é só ouvir esta minha história, e muitos se lembrarão de outras, idênticas quase. Foi quando Luís Majela tirou a manhã de sábado para limpar o revólver, que nunca teve necessidade de usar. Como acontece com as armas que não são utilizadas constantemente, deu um trabalho danado para ser azeitada. A tarde já se aproximava quando ele se deu por satisfeito, e tão empolgado estava que resolveu dar uma esticada rápida à residência do amigo Lucas, insistir para que este viesse até sua casa ver um trabalho seu. Antes de sair retirou todas as balas e, por medida de segurança, colocou-as numa gaveta e o revólver em outra. Tomou banho, pegou a bicicleta e foi chamar o amigo. É aí que entra o Satanás, e age rápido... na surdina – enquanto piscamos o olho. Trouxe Majela o amigo sem lhe dizer do que se tratava, era uma surpresa. Adentraram o quarto e Majela dirigiu-se rápido à gaveta, gabou-se de sua habilidade puxando ligeiro a arma e pressionou alegremente o gatilho, como se fosse um *cowboy* de filme de

western. E, para surpresa de todos (menos do Tinhoso, é claro), houve um disparo ensurdecedor, e o amigo Lucas caiu fulminado no pescoço. O tiro ecoou pela casa, o quarto foi tomado por uma fumaça densa e um cheiro insuportável de pólvora. Quando a cortina de fumaça baixou, a cena que os vizinhos viam era lamentável: a esposa e o marido desesperados, o amigo morto (dois, e não um tiro no pescoço) e uma criança assustada a chorar.

P.S.: Quem fosse mais crédulo dos poderes de Satanás apuraria bem o ouvido e escutaria seu riso cínico, satisfeito. Enquanto Majela se encaminhava à residência do amigo Lucas, seu filho pequeno abriu a gaveta e tentava colocar na boca as balas escondidas pelo pai; foi aí que apareceu a esposa e, tomando brusca-mente os projéteis, colocou-os “de volta” no tambor do revólver.

PÂNICO

A cena foi do mais puro terror. Eu acabara de chegar de uma reportagem noturna, assustada como era de se esperar. De início fiquei apreensiva com a lâmpada da cozinha acesa, mas pensei no cansaço dos últimos dias e achei natural o esquecimento.

Abri a porta (automaticamente) e me dirigi ao banheiro; a vontade de urinar fez com que eu quebrasse a rotina de me desvencilhar da roupa ainda na sala, enquanto ligava a televisão antes mesmo de acender as luzes.

Aliviei-me do que me incomodava e, como já estava despida, aproveitei para tomar um banho. E foi quando girei a torneira do chuveiro que propriamente começou o terror: ouvi um barulho surdo na sala, pensei ter deixado a porta aberta, no gato que há anos tinha abandonado a casa, enfim, sem esperanças, imaginei coisa pior: os ladrões que desde o começo do ano atormentavam o bairro.

Suspendi a água e perguntei em vão quem era; em seguida ouvi passos macios, vacilantes – duraram uma eternidade desde a sala até o quarto. O medo (na verdade, o pânico) fez com que eu ligasse de novo o chuveiro e, através da cortina, fui vendo... primeiro a sombra lenta (o leve roçar de pés) deslocar-se, depois a silhueta inteira deformada pelo plástico molhado que nos separava; mil coisas passavam em minha cabeça, entre elas as

cenas de assassinato em muitos filmes de horror assistidos durante toda a minha vida; distingui bem a silhueta alta, magra, e o que de mais terrível se poderia imaginar: o objeto comprido nas mãos juntas... E, numa fração de segundos, lembrei-me da roupa estendida no cabide ao lado do chuveiro e da minha única salvação: a pistola nunca usada, presa às ligas do suspensório. As mãos nunca foram tão rápidas (nem quando tirei as fotos mais chocantes das cenas mais bravas da minha carreira de repórter policial) em segurar o cabo, liso pelo sabonete do banho; aponte e apertei uma, duas, três, quatro... antes de cair tremendo em meio à fumaça e à água farta, que inexplicavelmente continuava a escorrer. Após minutos de pânico incontrolável, consegui afastar o plástico chamuscado da cortina, e a cena que vi foi a pior de toda a minha vida: no chão jazia estendido, um sorriso parado nos lábios, dois olhos assustados e imóveis (uma estranha flor entre os dedos), em meio a uma poça de sangue, o meu amado... que, vermelho todo, se confundia com a flor encarnada que trazia entre os dedos.

P.S.: Ainda hoje não consigo falar com ninguém sobre o ocorrido. Cumpri minha longa pena diante dos homens e terminarei meus dias pagando a mim e a Deus... lembrando os trechos do inquérito policial que afirmam ter a vítima, antes de morrer, enfeitado (tentava com certeza se reconciliar comigo depois de quase um ano de separação) a sala de confetes e faixas de feliz aniversário.

A FESTA

Na verdade, só tentávamos agradar aos nossos anfitriões. Não seria justo nos afastarmos exatamente na noite de *reveillon*, mesmo desejando estar longe dali, os dois, somente os dois, ainda que fosse em um bosque distante, bem longe daquele frenesi todo de fim de ano. E, se ficávamos, era para não sermos desagradáveis, apesar de eu sentir um gosto amargo na língua toda vez que tinha de sorrir para uma nova visita.

Com o vinho e a música as pessoas foram ficando ouriçadas, leves e rápidas, como se todas estivessem preocupadas, acima de tudo, em desenvolver um malabarismo. Tanto que, se um de nós tirasse a roupa, com certeza, ninguém notaria, tão entretidas estavam em desfilar e tagarelar de um lado para o outro. Cansados, ficamos em uma posição estratégica, observando – de um ângulo em que éramos pouco notados –, e não é que aos poucos fomos vendo pessoas também sérias, compenetradas, a passar entre as alegres e alvoroçadas; mas não se esbarravam, como se não estivessem se tocando: as roupas eram sóbrias, contrastando com os tons alegres da maioria dançante. Andavam devagar, olhando tristemente, como se lamentassem algo irreparável. Tão encantados estávamos com aqueles pentras estranhos que nos esquecemos dos outros, os alegres. Fixamos, eu e Lisa, os dois pares de olhos numa bela moça parada na outra extremidade da sala, o olhar perdido; quando demos conta,

ela nos notou e, que surpresa... a dela, assustou-se... levantando-se lentamente, os olhos arregalados não nos saíam de cima; devagar, foi nos mostrando aos outros tristes, e mais devagar foram sumindo, misturados ao ruge-ruge da festa. Tocamo-nos, duvidando um do outro do que vimos... seria o cansaço, a bebida forte, ou as várias noites sem dormir, naquela terra longínqua.

No dia seguinte acordamos tarde, indispostos; e, como não havia mais tempo para um passeio antes do almoço, ficamos pela sala, olhando os quadros nas paredes e conversando com a dona da casa, que gentilmente nos hospedara por todos aqueles dias: ela falava da família, das dificuldades de uma família grande, e tão empolgada estava que das palavras passou para os velhos álbuns amarelados, mostrando, um a um, os antepassados – dos mais antigos aos avós e tias mais velhas –, e só aí nos demos conta de que já os conhecíamos todos... Exatamente como estavam nas fotos.

ACONTECIMENTO

A tarde passava lerda, sufocando quem se arriscava a sair de casa. O mormaço do asfalto invadia os carros, e os que vinham de ônibus arranjavam um jeito de pôr a cabeça na janela, como se lhes faltasse o ar.

Na ânsia de desamarrar a gravata – que me sufocava – levantei o queixo e, sem nenhuma intenção além do gesto involuntário, olhei para cima. Naturalmente, após afrouxar o laço, abaixei a cabeça... e só aí me dei conta do que “tinha” visto. Mirei de novo, incrédulo, o sol forte quase me ofuscando a visão. Um nó na garganta me impediu de gritar; reparei em volta: o mais absoluto descaso, ninguém notara o mesmo que eu – ou fingiam de maneira perfeita.

Tentei me comunicar com o vizinho de poltrona: ele me encarou displicente – um ligeiro sorriso no canto do lábio –, voltando o rosto para o outro lado; à minha frente todos se abanavam, alguns limpando o suor com as mãos, respirando fundo. Virei para a cadeira de trás, uma senhora rezava em meio a balbucios, de olhos fechados e os dedos tateando as contas do rosário – a seu lado um homem gordo dormia com a cabeça escorada na vidraça.

Não tive outra alternativa senão observar de novo. E aquilo continuava lá como se houvesse estado ali sempre, e ninguém

notava, nem percebia meu gesto. Nas calçadas todos caminhavam como se nada estivesse prestes a acontecer. Nenhum dava o mínimo sinal de haver percebido... e agora eu duvidava de tudo: do ônibus que parecia irreal, das pessoas que deviam ter saído de um sonho, desse calor infernal e daquele prenúncio de tudo o que estava para acontecer.

Afrouxei de vez o colarinho, larguei no chão a pasta, afastei o mais que pude os joelhos... respirei bem fundo por alguns minutos. Quando despertei, na esperança de que tudo fosse apenas um pesadelo, vi que nada tinha mudado, a senhora gorda agora se desmanchava devagarinho, os outros tornavam-se avermelhados, uma fumaça negra subia-me dos ombros, e eu não tive mais coragem de olhar para cima, então baixei resignadamente a cabeça e esperei.

DOS VALORES DO INIMIGO

*Quem abre uma cova, nela cairá; e quem
rompe um muro, mordê-lo-á uma cobra.*

Eclesiastes 10,8

O OLHAR

Quem me conhece bem sabe que eu tenho uma obsessão pelo olhar. E vivo dizendo que o olho é o caminho mais curto da alma para tudo o que está aqui fora, no mundo vivido; mas nem sempre foi assim – houve um tempo em que ele significava o mesmo que o olfato, o gosto e outros sentidos vulgares.

E, se hoje não consigo mais olhar alguém nos olhos, não é por fraqueza... essa covardia comum a qualquer indivíduo medroso, e sim uma espécie de medo que me consome desde a juventude.

Descobri o poder de um olhar no dia mais infeliz da minha vida. Explico: desde a mocidade eu planejava uma vingança contra um sujeito que bateu no rosto de meu pai, em meio a uma discussão besta, por causa de não sei que teima. Era uma tarde morta, triste – dessas em que os únicos barulhos ouvidos são os gritos de crianças, vindos com o vento de bairros distantes. Lembro como se fosse hoje, no entanto já se passaram setenta anos desde aquela tarde.

Começaram conversando baixo, depois as vozes foram aumentando, até silenciarem com um tabefe seco, que meu pai engoliu fundo; baixou a vista, apanhou o chapéu do chão... e eu continuei seguindo seus passos de longe (nunca o caminho de nossa casa parecera tão longo): desde este dia ele nunca mais

foi o mesmo, e até o último instante de sua vida jamais haveria de levantar a vista – morreu com os olhos baixos, como se fosse (desde a maldita tarde) indigno de olhar os outros nos olhos.

No dia de sua morte, jurei para mim mesmo que o responsável por tudo aquilo pagaria com a vida pelo que fizera. Planejei durante muito tempo, teria de ser em uma ocasião singular; não poderia acontecer rápido, exigiria uma ocasião especial. Levei quarenta anos estudando a situação e várias vezes estive lado a lado com ele, só eu o conhecendo; vezes houve em que até trocamos algumas palavras; depois o perdi de vista por quase dez anos. Eu não tinha pressa, estava certo de que logo ele estaria em minhas mãos, inevitavelmente.

Um dia eu soube, através de um tio que continuava residindo no vilarejo de minha infância, que o meu desafeto regressara para passar os últimos dias de sua velhice na terra natal. Havia chegado a hora, não poderia deixar para depois; seria naquele momento ou nunca. Convenci minha esposa e os filhos já rapazes de que precisava ir ajudar a família em uma questão de terras, mas que logo estaria de volta.

Cheguei pela manhã, no primeiro trem – e foi como se a vida toda desfilasse em minha mente; as idéias tornavam-se confusas: o passado e o presente se misturavam como fosse em um sonho. Passei o resto da manhã meio perdido, não conseguia reconhecer ninguém. Da janela da hospedaria fiquei esperando a saída dele para um passeio, e que acontecesse à tarde, do jeitinho de outrora.

Quando ele despontou na esquina da farmácia, era boquinha da noite. Eu me aproximei: olhei-o nos olhos, bem fundo, puxei vagorosamente a faca e, notando que o seu olhar me reconhecia (tive certeza disso), afundei-a toda em seu peito, depois outra e mais outra. Da surpresa inicial de seus olhos passou a não mais reagir tentando se proteger com as mãos, mas aceitava tudo parado a me olhar tristemente; as feições de surpresa e dor deram lugar a uma calma superior, quase arrogante. Olhou-me bem fundo. Neste instante meu braço jazia suspenso

no ar, um último golpe inútil foi contido por aqueles olhos. E ao que vi em seguida teria preferido a morte, um simples olhar sereno, mais forte que toda a minha raiva guardada, um único olhar que eu jamais vira em minha existência inteira, um olhar de quem já não estava neste mundo, um olhar que (com certeza) nunca mais me dará paz nesta vida. Fugi como o Diabo foge da cruz, depois me apresentei com advogado e cumpro (em parte devido à idade) a pena em domicílio; porém sinto que já não vivo depois daquele olhar. E desde aquele dia não levanto a vista, pois não sou digno de olhar para mais ninguém... neste mundo.

A VIAGEM

Dom Eugênio descia do trem, pequena mala de viagem à mão, e caminhava devagarinho pela rua empoeirada. Deveria faltar muito para a meia-noite, pois ainda havia movimentação nas calçadas. Adiante pensou ter avistado um casal sentado em cadeiras de balanço; em seguida, apurava bem a vista e não mais o encontrava.

Somente uma coisa ele não entendia: por que, sendo já noite, havia toda aquela claridade? Tentou ver a lua, e a fachada de um casarão não permitia. Andou mais alguns passos, e nesse momento não mais carregava a mala; aperreou-se tentando lembrar. Tinha a impressão de muita gente nas ruas, porém não as via. Agora escutava uma música longe, muito longe, e que vez por outra o vento trazia mais forte. Recordou-se da bandinha, talvez estivessem em plena festa de padroeiro. Mas como, se ainda era novembro? Apurou melhor o ouvido, a música parecia se aproximar por uma das ruas laterais. Foi no rumo de lá, passadas largas... em vão, divisou a esquina e não avistou nada. Bem distante um galo cantava, despertando os outros, que respondiam tristes. Não havia ninguém nas ruas, no entanto continuava sentindo as respirações pesadas. Não compreendia, também, aquela claridade toda em plena noite e tentava inutilmente enxergar a lua, porém a copa de um benjamim não deixava.

Continuou seguindo a rua deserta. O mercado com todas as portas fechadas lhe dizia ser muito tarde. A alegria tomou conta de seu rosto, passava em frente à casa de Francelino e o via sentado na velha cadeira ao pé da porta; duvidou da vista, pois não enxergou D. Lurdes ao lado, como sempre ficavam desde que os conheceu, quando ainda era uma criança. Afastou-se rápido, não poderia ser Francelino, veio-lhe à lembrança que sua mãe escrevera uma carta – um pouco antes do falecimento dela – dizendo da morte do casal. Poderia ser seu filho morando na mesma casa; mesmo assim recuou, não saberia o que dizer. Ao chegar à esquina olhou de relance, e ele não mais estava.

Sentado na calçada, tentou recordar-se de tudo. Nada vinha ordenadamente, eram uns pedaços de lembrança misturados com outros, e o pior: de épocas diferentes. Ao mesmo tempo que lhe vinha o dia de sua partida, o choro da mãe (que nunca haveria de ver novamente), o rosto triste dos irmãos, o silêncio do pai... vinham lembranças recentes: da cama dura do hospital, da visita dos velhos amigos, chorosos a se despedirem sempre... das injeções para afastar a dor que o consumia, da procura de alguém que o socorresse na fria madrugada, e da voz que não saía. A muito custo recordou-se da noite em que finalmente não sentiu dores, e também não aparecia mais médico nem os vizinhos nas camas do lado. Não sentia frio nenhum, apesar de lhe terem tirado toda a roupa... a primeira vez em muitos anos que não sentia dor e frio. A partir daí não lembrava mais nada; a memória de repente pulava até o desembarque do trem... aquela estranha luz que o acompanhava, a ponto de ofuscar-lhe a vista quando olhava para longe. Tentava escutar a música, mas o vento não soprava... e tudo permanecia parado. Nem os galos mais cantavam. Completou a volta pela cidade, o capim tomando conta de tudo. Procurava a mercearia do avô e não a encontrava; tudo parecia tão diferente... abandonado.

Nunca imaginou que voltaria à cidade natal; já quase se conformava com sua impossibilidade, devido à doença e à distância. Há tempos não andava... os médicos não diziam nada, calados como se não escutassem seus pedidos, suas súplicas

para ir ver a família, ao menos os que restavam, os que ainda não haviam morrido. Não escutavam sua voz baixa, ou fingiam não escutar, afastando-se depois de aplicarem a injeção. Agora ele estava ali, sem sentir dor nem frio, as pernas firmes davam passadas largas, a viagem não esperada... devia ter melhorado, recebido alta e planejado tudo... feito a mala; e onde, meu Deus, teria deixado a mala? A memória o traía, dava saltos... só recordava ter avistado a torre da igreja pela janela do trem, as primeiras casas, os coqueiros da beira do rio; de repente já a estação e a rua deserta, a mala na mão... Onde a teria deixado? Lembrou-se novamente da estação, deveria mesmo ter ficado por lá, em cima de qualquer banco da plataforma... Mas como, se ainda há pouco ela estava em suas mãos? Foi retornando, precisava encontrar a mala, talvez dentro dela houvesse algo que lhe despertasse a memória... E a mercearia do avô, que era bem ali, jurava, não poderia ter esquecido...

Aproximou-se da estação, o capim cobrindo tudo, uma escuridão danada, o prédio abandonado, portas quebradas... nem mais os trilhos estavam no lugar, apenas alguns dormentes espalhados no meio do mato... e a certeza agora de que escuta um badalar de sinos, longe, bem longe.

PENUMBRA

Tentava inutilmente convencer a mãe de que sofria bem mais que a família do morto. Há quarenta anos tentava convencê-la. E como resposta um silêncio longo, um lento balançar de cabeça, um meio sorriso com os olhos.

Vivia quase prostrado, parecendo muito mais velho do que ela. Na verdade, sentia-se mais seguro estando preso: aprendera a se proteger nas paredes escuras, evitando como um morcego a luz vinda da janelinha. Não se pendurava, qual os outros prisioneiros, nas grades para ver os movimentos da rua; quando muito, permitia-se acompanhar o vôo triste dos urubus que se perdiam na imensidão, flutuando até se tornarem pequenos pontos negros. Nada o fazia mostrar o rosto a descoberto. Sua mãe, a única a ir visitá-lo, somente o enxergava através do espelhinho de mão, e mesmo assim depois de longa busca na penumbra da cela. Ele – que sempre fora moreno – adquiriu uma cor amarelada, de uma palidez doentia.

Ao deixar a prisão ninguém se lembrava mais dele. A própria mãe o desconhecia e às vezes vasculhava-lhe as faces, procurando um traço sequer de seu filho antigo, daquele rapaz exigente que não vestia duas vezes a mesma roupa... que encontrava defeito em tudo.

Ao voltar para casa, preferiu a calma da noite. Atravessou a cidade inteira seguindo de longe os passos da mãe, como se

quisesse retornar. E tendo por testemunha apenas um galo (que tentava contar aos outros o que via) com o seu canto triste. Acostumou-se à escuridão da casa, que janelas nunca mais foram abertas desde aquele dia. Acomodou-se feito um móvel antigo, desses que os pais herdaram dos avós e passam aos filhos. Não dizia palavra, mas tentava inutilmente convencer a mãe de que sofria bem mais que a família do morto.

Não dormia duas vezes no mesmo canto, peregrinava pelo labirinto da casa, e até a mãe tinha dificuldade em localizá-lo na hora de deixar a vasilha com a pouca comida de todo dia. Vez por outra, quando o encontrava cochilando, escorado em alguma parede, perdia-se na tentativa inútil de encontrar o filho naquele emaranhado de linhas que era seu rosto.

Os dois não se falavam desde o triste dia: ele com suas dores e seus cabelos brancos; ela com suas vergonhas, suas culpas. Calaram-se, como se houvessem compreendido a inutilidade das palavras, o quanto elas poderiam agravar tudo aquilo.

E o que restava a ele era vagar pela casa noite adentro, escondendo-se em algum canto para cochilar durante o mormaço da tarde, enquanto ela preparava a comida de sempre e saía à sua procura pela imensidão da casa, a mesma vasilha encardida pendendo entre os dedos.

O PESO DO MORTO

O medo e o remorso não vinham em tempestades e trovoadas, mas em conta-gotas e reticências... Há muito não atendia porta à noite, e o coração tinha esconderijos que o guardavam de assombros e pesadelos.

Carregava atado a seu pescoço um morto, e como pesava. Peso sentido por gerações a fio; dizem que seu neto também carregava um mortinho atado à cintura e vez por outra também sentia calafrios ao urinar na calçada.

Vezes por ano, estranhos cavaleiros madrugavam em sela e em cilhas, a batucar na porta.

- Cadê fulano?
- Saiu, foi pra capital!
- Quando volta, sinhá?
- ...?!?!

Sentia suas presenças sorrateiras pelo amarelado das folhas do jacarandá e as confirmava à boca da noite, com o barulho ensurdecedor das rasga-mortalhas. Nessas noites ninguém dormia... a rememorar visitas mais freqüentes e audazes, no tempo em que o morto ainda perambulava pelas esquinas do mercado e desaparecia na escadaria da farmácia em que fora esfaqueado.

Na sala, o balançar de uma cadeira antiga, uma voz materna a lembrar-se do dia anterior e daquela noite que teimava em não acabar.

– Nesta casa não tem homem. Se meu velho fosse vivo, o nosso nome não estaria na rua a se lambuzar em boca de cachaceiro. Ah, se nesta casa tivesse um homem!...

A noite parecia ter neblinado esperma de enforcado, tal era a quantidade das mandrágoras que cercavam e invadiam a casa pela manhã, quando teve que tocar trombeta para sua mulher arrancá-las sem ficar louca. Mandou sua filha mais nova buscar água no córrego, com seu rosto pálido; mandou seu filho poeta buscar flores no campo, com suas mãos tímidas; e, à mais velha, incumbiu a tarefa de desenganchar as bruxas que durante a noite caíram como besouros pelos galhos do oitizeiro e rolavam para o telhado a se desmanchar em gargalhadas.

Ainda hoje sente o peso da rede do morto, escambichada em varas de cerca, a passar vagarosamente nos rumos do cemitério. E se sabe que ele não se deixou enterrar, continua tresvariando por aí, descansando à sombra de um baobá. Também se sabe que ele jogou pedras na rede de rendas de sua mãe culpada e vive a esperar por seu cortejo, para se emparelhar rede a rede, quem sabe se jogar dentro da sua... pra que sinta a envergadura e o peso de um morto.

ELEFANTE

Em um entardecer de setembro, Gumercindo Freire entrava pela rua principal de uma cidadezinha perdida ao sul. Fazia um calor insuportável, e os únicos barulhos que se ouviam eram gritos de crianças em bairros distantes – aumentando ou diminuindo de acordo com o vento –, o cri-cri de um grilo, que (de tão próximo) parecia vir metido no sapato do recém-chegado, e as palavras declamadas por um casal de protestantes que pregava a palavra de Deus aos pardais numa praça vazia. Mais nada aparentava estar vivo, e das casas se desprendia uma tristeza calma, como se há séculos estivessem abandonadas.

Caminhava devagarinho, parando de vez em quando para descansar, escorado na bengala, e limpar as lágrimas que escorriam no rosto empoeirado. Desde que avistou os primeiros telhados pela janela do trem, sentia-se perdido (as lágrimas teimavam em cair), não mais sabendo se retornava à terra natal ou se continuava sonhando em voltar. E, à medida que avançava, mais as lembranças se confundiam em sua cabeça. Não se recordava de ter visto, na chegada, a torre da igreja. Agora tentava inutilmente avistá-la. Pensou na possibilidade de haver errado a estação e descido numa outra cidade. Definitivamente convenceu-se de que não, tudo era do mesmo jeito de antes, no entanto não via ninguém. Virou a cabeça e não enxergou o casal de protestantes; também não mais escutava os gritos de crianças –

nesse instante um sino tocava tristemente, muito longe. Tentou outra vez enxergar a torre da igreja.

A tarde corria, e o recém-chegado apressava o passo, como se tivesse receio da noite. Vagou pela praça, localizando as casas dos parentes e conhecidos. Pareciam abandonadas desde muito tempo, o capim tomando conta das calçadas. Lá na frente duas pessoas jogavam gamão, tabuleiro nos joelhos, embaixo de um benjamim; quando o avistaram, cada uma entrou em casas diferentes, largando o tabuleiro e as cadeiras. O silêncio voltou a reinar: apenas se ouviam o canto fora de hora de um galo e o grilo insistente, que parecia enfiado em seu bolso.

Prometera a si mesmo não mais sentir medo. Sua idade não lhe permitia receios. Sabia que um dia eles o pegariam. Não conseguindo mais fugir – pelo menos reveria sua cidade, que deixara tão cedo. Mas onde estaria todo mundo, teriam abandonado a cidade, ou o espreitavam pelas brechas das portas, esperando o desfecho de tudo?

Ouviu bem distante a música de uma banda. Comemoravam a festa do padroeiro... Mas como, se nem era setembro? As pernas o levaram para lá. De longe viu o único local iluminado e lembrou-se (continuava bem tranqüilo, como se ainda não houvesse compreendido) de que tudo tinha acontecido ali. Todo o passado misturando-se em sua cabeça, recordou as coisas mais remotas... até o maldito dia em que a desgraça aconteceu.

Rumou na direção da porta como se fosse inevitável: cumpria o seu destino. Quando entrou, ninguém mais estava; e ele olhou calmamente o bilhar, as prateleiras velhas, e tudo permanecia como sempre estivera, em seus antigos lugares... como se apenas esperassem por ele. Por isso não se assustou quando percebeu todos os olhares nas janelas, a cidade inteira a espreitá-lo assombrada de cada uma das janelas... também não se assustou quando ouviu o primeiro estampido.

APURAÇÃO

O sol parecia querer acompanhar a agitação da tarde, descendo vertiginosamente no horizonte e desaparecendo antes que D. Magnólia pudesse abrir completamente a boca, de espanto. E, mesmo estando nos arredores da cidade, deu para escutar uma canção antiga, umas frases mais fortes, outras mais fracas, de acordo com a direção do vento: “chô, chô, chô, chô, a casa está de choro, a Olga tá de cima e o Ramiro tá de choro. Passei lá na esquina e vi um rato pendurado, era o Ramiro dizendo ‘desta vez estou lascado’, com uma corda no pescoço para morrer enforcado.”

– Parece que essa urna foi do “Bambural”, viu, Candinha!?
– disse D. Magnólia, balançando devagarinho a cabeça e olhando para o chão.

Na sala agitavam-se Candinha e a filha, botando a cabeça na janela sempre que passava alguém vindo da cidade. Perguntava outra vez de quem tinha sido a urna, apenas para confirmar o que já sabia pela comemoração.

– É... Candinha, este ano as coisas não vão ser boas. Bem que eu disse, desde a eleição passada, que eles estavam botando as mangas de fora, viu!?

– Pois não é, mamãe – respondia sempre a filha, tentando esconder da mãe a euforia da última urna.

A cada comemoração se seguia um longo período de silêncio. Nesse intervalo Candinha catava o feijão para o almoço, mandava a pequena ir ver o que a avó dizia.

– A vovó pergunta que hora vai acabar a apuração. E se já saiu outra urna.

– Não, mãe! Só acaba de madrugada, se acabar...

A velha continuava a resmungar sozinha na penumbra do quarto. A filha jogava o feijão estragado para as galinhas no terreiro em frente, pedindo uma coisa e outra à menina, que brincava distraída no degrau da porta.

Novamente um burburinho trazido pelo vento, e nova agitação na sala. D. Magnólia perguntava inutilmente à filha, que aguardava algum passante para confirmar o resultado da urna.

– Parece que foi deles de novo, Candinha?! Se teu pai fosse vivo, não agüentaria essa vergonha, ainda bem...

A filha colocava a cabeça na janela, antes encostava a porta do quarto da mãe, e confirmava o que já se sabia. O vento trazendo a música de sempre; pipocavam foguetes nos arredores. Depois se seguia um longo período de silêncio.

DOS VALORES DO INIMIGO

Subornar os guardas seria arriscado, com certeza dobrariam a vigilância. Fugir, só pulando o muro eletrificado, o que seria um suicídio. E ambos esbarravam num pouquinho de dignidade ainda existente em cada um, visto ser o suborno uma prática do outro lado e o suicídio, apesar de pensado por todos, uma rendição à força do inimigo.

A prisão com suas noites infindas, o piado agourento das aves noturnas e os muitos grilos nos colchões de palha misturavam-se com o alarido das ruas, trazido pelos ventos através das janelas altas, as mesmas que permitiam ver o vôo flutuante dos urubus, forjando uma união, daquelas que só se consolidam no perigo, e uma ânsia de viver, mesmo para comprovar que não valeria a pena.

De certo só tinham a vontade louca de escapar. A única esperança, mesmo remota e beirando o impossível, era à noitinha, após o jantar, quando todos seriam levados ao grande pátio central para tomar ar, devido à umidade da cela, que ameaçava matá-los de tosse antes do fuzilamento.

O pátio tinha sido estudado palmo a palmo por dez pares de olhos acesos. Todos já sabiam os muros mais baixos e as proteções que lhes serviriam de escudo na hora da fuga. O velho baobá com seus galhos negros, o mictório no centro e o refeitório ao lado de uma das guaritas ao certo lhes ajudariam.

As balas vindas das guaritas, a queda do muro alto, a selva fechada lá fora com seus bichos e assombrações, nada disso metia medo, somente uma barreira era temida: a eletricidade que tostaria a todos na subida ao muro, além da luz forte dos postes altos, denunciando as trajetórias de fuga.

Numa das muitas noites de esperança em que se encontravam lado a lado, de frente para o muro, o impossível acontece, todas as luzes se apagam e só resta uma lua acesa lá no alto e um guarda atônito, com uma lanterna na mão e uma metralhadora na outra.

Tiveram exatos três segundos para passar do espanto à ação, e quando já se preparavam para correr cada um para o seu lado, sentiram a luz fraca da lanterna a focalizá-los, um por um, da esquerda para a direita, do primeiro ao décimo e deste ao primeiro. Ação seguida pela frase trêmula de "Se faltar um, eu fuzilo os outros, um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez... um, dois..." O que foi suficiente para cada um agarrar com toda a força o braço próximo do companheiro, impedindo uns aos outros de fugirem, até a luz acender e tudo voltar ao normal, a lua ficar novamente pálida, o medo retornar e com ele alguns lampejos de esperança.

QUASE-NOITE

Chegava aquele momento em que a tarde parecia neutra – não pertencendo a tempo algum. As andorinhas haviam se recolhido à fresta das telhas depois de terem sobrevoado a cidade o dia inteiro. Os gritos das crianças em ruas bem distantes agora eram ouvidos como em um sonho – ecoavam talvez de tempos longínquos... vozes que, com certeza, nem mais existiam.

Do pomar da casa-grande já não se avistava o sol, que havia pouco sumira atrás do casarão ao lado. As plantas iam sendo banhadas por uma luz amarela, quase noite... e as coisas foram adquirindo um formato estranho, um ritmo lento: como se não fosse somente hoje, mas todos os dias de todos os tempos... naquela hora morta da tarde.

O relógio preparava-se para anunciar a hora do Ângelus. Um rádio triste, perdido em algum quintal da vizinhança, logo mais tocaria a Ave-Maria, espalhando por todas as casas um ar grave, de paz e medo. A velha senhora, nesse momento, largaria o tricô sobre a cadeira e pensaria nos filhos distantes, quando eles ainda brincavam entre as árvores do quintal. Recordaria inutilmente o marido, mesmo sabendo que depois sempre vinham as lembranças tristes.

Lembrou-se de que exatamente a essa hora, há muito tempo, tivera pela primeira vez a mesma impressão sobre o final

da tarde. O filho menor entrou porta adentro, vinha do pomar, dizendo ter visto o primo Isaiás entre as plantas, e que lhe perguntara pela tia. Ao olhar novamente, não o avistou mais. *Então veio correndo me contar aos gritos.* Na madrugada seguinte, chegou (a cavalo do lugarejo distante) um mensageiro, anunciando a morte do menino na tarde anterior.

Desde aquele dia ela tem certeza de que à boquinha da noite – quando não é mais tarde, nem ainda é noite – se estabelece um vínculo entre todas as coisas em todos os tempos. Talvez por isso largue o que esteja fazendo, apure bem os ouvidos e reze uma prece em silêncio... no mais absoluto silêncio.

MADRUGADA

Pelo mês de setembro o tempo começa a esquentar. Sinto uma saudade dos ventos de julho, trazendo a frieza do mar distante. Nesses dias escuto, com o ouvido colado à parede, o barulho do trem chegando ao povoado: o chão vibra sob meus pés... Seguro o punho da rede, antecipo um leve tremor. Apresso-me na direção da janela que dá para a linha de ferro e fico esperando que ele cruze nossas ruas.

Em casa todos dormem, e só deixo de ouvir a respiração difícil de meu pai no instante em que a máquina chacoalha os trilhos, bem pertinho. Na estação ninguém aguarda parentes ou amigos. O trem rasga sozinho o descampado e se aproxima lento... Sem fazer alarde, pulo a janela e subo no benjamim do terreiro, para espiar melhor se alguém desembarca no meio da escuridão. Inutilmente apuro a vista, como sempre faço desde que me entendo por gente. Ao contrário do que era de se esperar, a minha angústia (minha esperança, para melhor dizer) aumenta a cada dia.

No início eu não compreendia bem o que me atraía à janela; sei que fui me acostumando a diferenciar o barulho do trem dos outros ruídos da noite... e quando ele ainda vinha longe, muito além das montanhas, eu já ficava atento... preparado para correr rumo ao jardim, tomando os devidos cuidados de não acordar os de casa. Fui crescendo e passei a

sentir no meu corpo os sinais dessa aproximação; e se colava o ouvido à parede, era apenas para entender melhor aquele tremor que somente eu percebia.

Durante os meses de vento, todos dormiam mais cedo, facilitando a minha espera madrugada adentro; mas, nesse calorão dos últimos dias, as pessoas se demoram nas calçadas, aguardando alguma brisa. Espero ansioso que se recolham e só me acalmo quando escuto o primeiro cantar de galo. Daí a pouco começo a sentir o leve tremor de sempre, então arregalo os olhos e aproveito cada minuto até a chegada da locomotiva.

De cima da árvore observo a estação deserta, nem parece que há décadas está abandonada... desde a passagem do último trem, quando todos vestiam as melhores roupas, calçavam suas mais finas sandálias e iam esperar parentes e conhecidos, ou simplesmente matar a curiosidade enfiando as cabeças nas janelas entreabertas. Hoje, não... tudo destroçado, a estação vazia, o capim cobrindo a plataforma... sequer os trilhos permanecem no lugar, os dormentes esquecidos no meio do mato.

Logo avistarei a máquina fazendo a curva da Rua de Baixo, diminuindo devagarinho a marcha ao se aproximar da estação. Apurarei a vista mesmo sem distinguir quase nada naquele escuro. Dentro de casa o mais absoluto silêncio... e, em todo o povoado, apenas eu acompanho a velha máquina a deslizar madrugada afora, afastando-se antes que os galos anunciem um novo dia.

ALEINE

O caso se deu na época em que eu buscava desesperadamente Aleine. Desde o início da tarde haviam me expulsado, pois cometi a imprudência de perguntar por ela. Tinham me abandonado numa passagem de nível, quando o trem diminui a marcha, logo após aquele aguaceiro de fins de maio. Vaguei pela linha férrea, na esperança de escutar algum apito ou sentir qualquer chacoalhar nos trilhos; enfim, desisti e tomei certo caminho secundário que descia rumo a um imenso vale – bem ao longe uma cordilheira azulzinha quase se confundia com a linha do horizonte. Demorei a encontrar sinal de vida, apurando o ouvido ao mínimo indício de vento, de vez em quando esfriava a cabeça com água de um córrego ou subia numa pedra para buscar qualquer povoação.

Já no final da tarde distingui, de cima de um carvalho, a fumaça de uma chaminé – andei mais alguns quilômetros para avistar a torre de uma igreja. Apresssei o passo, querendo chegar no começo da noite – planejava misturar-me com algumas vacas que seguiam na direção do vilarejo. Encontrava-me na entrada quando notei a placa de advertência: “Estamos de mudança”. Tudo tinha sido tão estranho – desde que fui obrigado a descer daquele trem – que não me dei conta do absurdo da situação: eu, procurando minha mulher que havia sumido misteriosamente,

fui me deparar com um lugarejo perdido, e logo na entrada era recebido por tal advertência.

Esqueci-me pela primeira vez de Aleine e perambulei por ruas escuras, apenas iluminadas com raros lampiões dependurados em árvores no meio da rua. Esgueirava-me pelas sombras dos muros, evitando assim a claridade – com medo de ser reconhecido (o que, hoje lembrando, seria mais um absurdo em meio a tantos: pois como poderiam me reconhecer se nunca eu havia andado por aquelas paragens, tão ermas e distantes da cidade em que nasci?). Pareciam não me notar, apenas ficavam mais sérios – cerravam os olhos e carregavam o semblante, como certos pais ainda hoje fazem para repreender os filhos pequenos quando eles cometem qualquer dano. Paravam a conversa no meio, interrompiam jogos de cartas, mudavam de calçada ao ter de cruzar comigo – não se dirigiam a mim, é verdade, mas eu sentia neles um certo medo, um vago receio da minha presença. Subi em uma grande árvore para passar a noite – não me arriscava a dormir desprotegido em qualquer banco da praça. Não conseguia pregar olhos, o medo e a excitação dos últimos dias mexeram com meus nervos – e as noites não me permitiam um minuto de descanso. Aproveitei a calma da madrugada para pensar em Aleine, e já sonhava com um novo encontro quando ouvi vozes distantes: confabulavam, discutindo não sei que assunto, pois o vento de vez em quando mudava de direção para em seguida trazer novamente os sussurros – trepei num galho mais alto da árvore, e então pude avistar ao longe uma pequena assembleia, juntavam galhos, acendiam tochas (em quase todas as casas, sinais de mudança: malas nas calçadas, carroças sendo cobertas, mulheres ajeitando as crianças) – formavam uma enorme fogueira, enquanto discutiam apontando em várias direções.

De repente um medo tomou conta de mim, as pernas tremiam, o suor cobrindo meu corpo inteirinho: pensei rápido, um imenso desespero invadindo meus pensamentos; saltei ligeiro da árvore e disparei na mais apressada carreira de que minhas pernas foram capazes, no rumo oposto ao da claridade.

Corri a madrugada inteira, subi e descii serras, encontrei nova estrada – sempre me afastando.

Hoje não me arrisco a perguntar por Aleine, apenas observo disfarçadamente os rostos femininos em meio à multidão. Não olho muito para não despertar suspeitas, pois sei que – enquanto eu a procuro – muitos fariam de tudo para me impedir de chegar a ela.

O JOGO DE DAMAS

Há cento e trinta anos jogava aquela partida; os parceiros se revezavam até sumirem de vez; os filhos e netos os sucediam e tornavam a envelhecer, enquanto ele permanecia ao pé do balcão, pelo lado de dentro: somente ele sentado – o tilintar dos dedos da mão esquerda continuava a fazer sulcos na madeira: os parceiros teimavam em desaparecer.

Na madrugada em que vieram me avisar que ele jogava à luz de candeeiro na mesma mercearia virada para o nascente, no mercado, eu comecei a chorar e rezei três terços e acendi duas velas em cada canto da sala; não dormi a madrugada inteira, sem coragem de ir vê-lo: a rua deserta, os cães ladrando insistentes, até os grilos pararam...

...eu pequenininho e fugia da oficina de meu pai e maquinamente corria à mercearia do avô, onde já divisava, de longe, as latas de bombons enferrujadas, e nunca as vimos por dentro, é um mistério que estamos levando para o túmulo... o tac-tac das pedras no tabuleiro de vidro nos invadia os ouvidos e nos atraía pra lá. Disfarçando, fingíamos nem ligar, sentados a um canto. E apenas um mundo girava em seu eixo naquela tarde morta em que os únicos ruídos eram o trovejar das moscas no saco de açúcar e o arrastar das pedras no vidro.

O silêncio doía. Comentários, só os dele, irritado com alguma demora do adversário – cantava às vezes uma musiquinha

insistente, quando ganhava folgado: “- caboclo, caboclo... ô caboclo perigoso!” ou insistia por horas na mesma palavra, até o limite da exaustão: “- mas homem, mas homem, mas homem...”

Madrugávamos com o reco-teco das pedras no tabuleiro da cabeça, o começo incisivo, a vagareza do meio, rumando para o final nervoso de horas depois; no resto da tarde, imitava-se com a dama riscada na areia e nos enraivecíamos por as pedras de cacos de telha não chiarem no tabuleiro do chão...

...e o vizinho contava de novo que o viram jogar, cantarolando a mesma palavra a madrugada inteira, o bater de pedras invadindo o mercado e assustando quem passava desligado pelas calçadas àquela hora da noite.

Acendi mais uma vela, pensei em quebrar a dama empoeirada e não tive coragem... ela estava gravada, fazia tempo, na lembrança; abandonara para sempre o baú velho em que fora esquecida. Perseguia-me. Agora o bisavô do meu vizinho vinha insistir que o deixassem descansar, que parassem com aquele jogo a noite toda, sem sossego.

...decidi abrir o armário antigo, há décadas fechado. Jogaria o tabuleiro no cacimbão ou o quebraria a marteladas, contudo...

...abri de chofre a tampa e, entre casas de aranha e poeira, a jogada já não era a mesma da noite passada; movi a minha pedra, fechei o armário num supetão, rezei meu terço, acendi as velas...

A ROSA ENCARNADA

A cena foi do mais puro terror. Eu vinha de uma semana difícil, sessões de fotos até altas horas da noite – imagens de fazer tremer qualquer repórter policial corajoso; os nervos em petição de miséria; mas essa foi a solução encontrada para esquecer um amor frustrado: entregar-me de corpo e alma ao trabalho.

Cheguei, como de hábito, entre as primeiras horas da madrugada e, no momento em que estacionava o carro, notei algo estranho: a luz da cozinha acesa. Nunca havia acontecido, porém atribuí o esquecimento ao cansaço. Abri automaticamente a porta e, estando com uma grande vontade de urinar, dirigi-me rápido ao banheiro (na ocasião nem me dei conta de que estava quebrando uma rotina: a de entrar me desvencilhando das roupas em plena sala, enquanto ligava a televisão à procura dos últimos noticiários). E, como já me encontrava no banheiro, aproveitei para tomar um banho. Foi aí que tudo começou: mal girei a torneira do chuveiro, ouvi um barulho vindo da cozinha ou da sala. Os nervos reagiram imediatamente, e associei-o logo à luz acesa de quando havia chegado. O barulho surdo repetiu-se mais próximo; passei a tremer, sem conseguir fechar a torneira, tamanho era o medo (pânico, para definir melhor) que se apoderara de mim. Perguntei quem era; repeti inutilmente a pergunta, que soou abafada pela água que insistia em não deixar

de cair. Comecei a ouvir passos sorrateiros, leves. A voz já não me obedecia, as mãos tremiam, incontroláveis. Aos poucos fui vendo – através da cortina molhada que nos separava – a silhueta alta se aproximando; e o que era mais desesperador: a sombra tornava-se mais nítida, e pude ver em sua mão um objeto comprido ser levantado; cheguei ao máximo do desespero, a voz inexistente, a água – que parecia cair mais forte – tornara-se uma cachoeira. Lembrei (e não sei como pude lembrar) a arma nunca usada, no bolso do paletó dependurado perto da cortina... Controlei a tremedeira das mãos, peguei o cabo liso pelo sabonete e puxei desesperadamente o gatilho, uma, duas, três vezes. Caí ao chão quase desmaiada pelo impacto e o barulho ensurdecedor. Quando consegui levantar-me e a fumaça já permitia enxergar alguma coisa, puxei a cortina e o que vi me deixa confusa até hoje: em meio a uma poça de sangue, jazia uma rosa encarnada. Gritei até exaurir-me em cansaço e prantos. Saí desesperada, implorando socorro. As marcas de sangue não ultrapassavam os limites do banheiro. A porta da sala continuava trancada por dentro, do jeitinho que eu deixei ao entrar; todas as janelas também trancadas por dentro... nada na casa dava um sinal sequer de ter sido violada. Criei coragem e retornei ao banheiro, e nova surpresa: de sangue não havia mais nada, somente a cortina chamuscada... e a horripilante rosa vermelha.

A PROFECIA

Manuelzinho veio com a notícia, juntou os seis amigos que ainda restavam, os únicos sobreviventes daqueles dias difíceis. Correram ao local combinado para as reuniões, na beira da praia, entre as pedras. Oliveira era o mais tranqüilo, afinal, há décadas, tratavam do mesmo assunto e que apenas eles poderiam resolver.

– Não diga que o túmulo rachou de novo!?

Foi inútil a resposta: todos já bolavam uma maneira de consertá-lo antes do amanhecer.

– Recebi o aviso à boquinha da noite, num sonho leve... depois do jantar – falou Manuel sem se dirigir a ninguém, pensando alto.

– Eu tenho visto as marés, a água avançou sete palmos desde o último ano, mas ainda falta muito para chegar à igreja – comentou Raimundo, mais para justificar sua parte no trato.

– E o pior é que ninguém percebe, mesmo estando tão claro...

– Mas ela previu isto também, por isso fez o pacto com a gente; somos sua garantia – retrucou Firmino.

– Tudo foge ao nosso domínio... o que devemos é cuidar do túmulo, para que não caia de vez – fechou questão Oliveira, olhando calmamente o rosto de cada um.

Correram às ferramentas, prepararam a argamassa e seguiram caminho pela praia, aproveitando a noite de lua. Parecendo obedecer a um ritual, foram pulando o muro do cemitério, um de cada vez, respeitando a hierarquia da idade: Oliveira à frente, puxando a fila com bastante cuidado, olhando em todas as direções.

Quando chegaram ao mausoléu, a surpresa... as rachaduras extrapolavam suas expectativas – nunca, em muitos anos, viram o túmulo em tal situação.

– Acho que é o sinal... Não basta o aviso do mar avançando
– comentou Afonso pela primeira vez; parecia o mais trágico de todos.

– Tratemos de fechar logo, depois decidiremos o que fazer
– recomendou Aprígio, receoso da manhã se aproximando.

Nenhum mais falou, somente as ferramentas quebravam o silêncio da madrugada. E tiveram que providenciar pedras para tapar os buracos que ameaçavam a integridade da construção antiga, escurecida pelo lodo e desgastada pela maresia. Acabaram antes de o galo cantar e pularam o muro com a mesma solenidade, cada um aguardando sua vez.

Acordaram já com o sol alto, angustiados pelo acontecimento da noite anterior. Um grande alvoroço tomava conta das ruas, um burburinho enchia as casas junto com o vento da manhã.

Era domingo e ninguém havia saído para trabalhar, a zoeira dos meninos misturava-se com o alarido geral. Foi quando todos ficaram sabendo (à mesma hora, como previram as escrituras) do avanço do mar até à igreja da matriz. Finalmente a Sé virou a tão esperada cama de baleia da profecia... e, em pleno sol do meio-dia, alguns bêbados alarmavam ter avistado a grande serpente, com seus olhos de fogo, tentando inutilmente entrar no túmulo da mulher desconhecida.

A ESPERA

Na madrugada em que Luiz Jerônimo viajou, D. Zefa, sua mulher, não parou de sonhar com o marido metido nas mais estranhas aventuras. No sonho, tentava alcançá-lo enquanto ele subia aos céus por uma corda; ora o via revoar por cima da torre da igreja, mas sempre se afastando, até acordar suando em bicas e soluçando, quando então pulou da cama, pegou o terço e rezou mais de mil e duzentos padre-nossos.

D. Maroca passou a tarde assustada com o alarido das galinhas no quintal vizinho. Alertou Seu Inácio, fosse ele viajar não, que algazarra em galinheiro ou cachorro latindo sem motivo era mau agouro na certa. Só à tardinha ele convenceu a mulher e as filhas de que aquilo seria besteira, os bichos deviam estar avisando era os vizinhos do outro lado.

Mas só no exato momento em que chegou a notícia, pelo telégrafo, de que o ônibus no qual os dois viajavam tinha sofrido acidente – e um dos falecidos era da cidade – foi que D. Zefa, D. Maroca e todos os parentes até terceiro grau dos dois viajantes alarmaram toda a sorte de presságios que haviam recebido: José Bonifácio, tio distante, disse ter sua enxada cortado mais de seis cobras durante o dia no roçado; Maria de Lurdes, irmã solteirona, falou da dificuldade das roupas secarem, pois à tardinha ainda se encontravam pingando, apesar do sol forte o dia todo; até

Zefinha, em seus nove anos incompletos, jurou ter visto o retrato do pai cair três vezes seguidamente da parede onde estava há mais de onze anos; mas nenhum dos noventa e seis pressentimentos superou a aflição das duas esposas na noite da viagem, nem mesmo quando a vizinhança se avolumou, estupefata, na frente da casa das duas, para as mais estapafúrdias interpretações sobre os emaranhados de riscos que os cupins escreviam nas paredes.

Nas duas famílias multiplicavam-se as preces. E em cada uma, apesar dos dois viajantes serem compadres, ardia secretamente o desejo de que o morto fosse da outra. D. Maroca rezou até enjoar a reza; fez corrente com um copo em cima da mesa e, não se conformando, até jogou praga no compadre Luiz Jerônimo, do que se arrependeu – mais pela presença dos vizinhos – batendo três vezes na boca. D. Zefa fez orações até as contas do rosário sumirem de tão gastas e, quando já feria os dedos no cordão sebento, pediu ajuda a Luís Marçal, que era acostumado a acender vela nas encruzilhadas, levando uma alpercata de rabicho do compadre Inácio, conseguida por furto numa visita em meio a choros e lamentações.

A rádio da cidade vizinha deu notícias do acidente por dois dias seguidos, e só uma vez falou o nome Jerônimo, o que foi suficiente para D. Maroca e a família soltarem gritos e vivas pela noite adentro. Somente no terceiro dia, Seu Genaro do telégrafo conseguiu captar, entre muitas mensagens desconexas, o nome de João Inácio, aliviando das lágrimas a família dos Jerônimo e desconcertando D. Maroca e os seus. E pelo quarto dia a dúvida voltou a reinar; de novo não se sabia qual dos dois tinha morrido; já não havia as visitas de uma família à outra, e quando quaisquer membros das duas famílias se cruzavam era de cabeça baixa ou com um olhar de lado. Na passagem do quarto para o quinto dia, as confusões se multiplicavam; em meio a choros e rezas, brotavam pragas e insultos mútuos, tendo-se notícias de brigas e bate-bocas entre os parentes, amigos e até dos cachorros viralatas, que não admitiam ser o morto de suas famílias.

E somente na tarde do quinto dia, quando todos se concentravam na entrada da cidade, em cima de árvores, cercas e telhados, foi que a caminhonete com placa da capital despontou no fim da rua; parentes dos dois compadres se misturavam sem se olharem, ansiosos e com os olhos esbugalhados na poeira ao longe. No momento em que o carro parou, cercado por homens, mulheres e crianças, ninguém entendeu quando viu, em meio a panos rasgados, sangue seco e uma podridão insuportável, pedaços dos dois homens misturados, a cabeça de Seu Inácio jazia muito próxima da de Luiz Jerônimo, e os membros, enroscados, trocavam um abraço que mal dava para distinguir de quem eram as pernas e os braços, como se procurassem proteção nos seus últimos instantes, deixando nas duas famílias um silêncio longo e uma intriga sem fim, que já dura muitas gerações.

O DESAPARECIDO ou O MENINO DO CABELO AZUL

Os gritos de Bárbara eram seguidos ao longe por todos os galos da cidade, num enorme alarido que obrigava os cachorros a permanecerem em vigilantes grunhidos noite adentro, como se todos os ruídos noturnos estivessem combinados.

Em noites de lua cheia, sempre se tinham notícias do menino a correr em algum beco ou jogar bila, sozinho, nos terrenos baldios, o cabelo azul ao vento, as mesmas roupas do dia em que saiu para nadar com outros na curva do rio e nunca mais voltar.

As buscas da mãe se confundiam com as vozes aflitas dos companheirinhos, que juravam ter ouvido os gritos de Bárbara, do outro lado do rio, a chamar o menino até muito tempo depois de ele sumir aos olhos de todos.

Como pôde, pois, Bárbara, em seus quarenta e seis anos bem e mal vividos, atravessar um rio a nado e ainda ter fôlego para, em desespero, chamar pelo filho na outra margem e voltar quase imediatamente para participar, entre soluços e lágrimas, na busca de um corpo que parecia enfeitado?

Daquele dia em diante, Bárbara deu para correr pelas estradas gritando pelo filho. O clamor alvoroçado, ao mesmo tempo em que afastava os que lhe eram próximos, atraía, numa sinfonia sem fim, todos os bichos que a escutavam, a ponto de

qualquer algazarra do reino animal ainda hoje ser acompanhada de "pelo-sinais", "cruz-credos" e "ave-marias" por quem estiver perto, mesmo que não tenham ouvido os gritos da mãe louca chamando o filho e alvoroçando os bichos.

Todos os caixeiros viajantes, vendedores de redes e espelhos, pedintes e errantes que passam há mais de trinta anos pela cidade, dão notícias de um menino, rapaz, homem e agora senhor de barba branca e cabelos azuis, perguntando sempre pelo povo de Santa Luzia do Antão e, em especial, por Bárbara e seus filhos. Uns dizem se tratar de um vendedor ambulante de óleo de baleia para toda sorte de males; outros afirmam ser um pistoleiro que matou um padre na cidade vizinha e hoje se disfarça de cego, vendendo bilhetes de loteria; já alguns declaram, sussurrantes, ser ele um perigoso bandido que espalha terror pelas cidades perto do mar; porém, vários contam histórias da mesma época, mas em lugares distantes uns dos outros, colocando em dúvida a veracidade dos fatos.

Seu Cesário deu uma explicação meio atabalhoada, que muitos fingiram entender. Disse ter lido num almanaque que todo homem tem o seu duplo, uma cópia fiel, sua, perdida pelo meio do mundo, e que, mesmo um morrendo, o outro fica vivo. Mundica da pensão jura ter hospedado um homem do cabelo azulado há uns quinze anos, que este chegou à boca da noite, pediu notícias de D. Bárbara, saiu, voltou, dormiu e não acordou. Pela manhã o quarto estava vazio, as casas de aranha em seus devidos lugares, como se não tivesse entrado ali uma viva alma. Nas procissões de janeiro, muitos fiéis asseguram ter visto, entre tantas cabeças, uma azul, que logo se misturava e sumia de vista. Mesmo Padre Amaro avistou na fila da comunhão um rapaz de cabelos cor do céu, que vinha na fila e nunca chegava à frente, parecendo encantado. Na rua da casa de D. Bárbara, à noite, não se passa, pois muitos já o avistaram passeando para lá e para cá em frente à porta, às vezes se escorar na esquina, a olhar o céu. Embaixo do Flamboyant onde outrora bruxas e fadas disputavam, revezando as noites, torneios de danças e sapateados, o aparecido deu para pinotear em meio à grande nuvem de poeira; quando o

redemoinho baixava, os curiosos só encontravam pisadas de cães, bodes e outros animais de pés pequenos. E sempre no dia seguinte a qualquer notícia de aparecimento, grande número de andorinhas amanheciam mortas pelas ruas, entristecendo o arrebol.

Ultimamente já pareciam ter perdoado Bárbara, ou esquecido. Mas não lhe dirigiam a palavra há cinqüenta e tantos anos. E foi com uma risada desdentada que ela ouviu, pela boca dos filhos, a última notícia, de que seu filho sumido era um mercador rico na capital distante e vinha buscá-la o mais tardar em um mês. Também é verdade que um senhor recém-chegado, com um grande boné cobrindo quase toda a cabeça, a procurou, chegando à sua casa no momento exato em que aprumavam o caixão com os pés para a porta e saíam à rua, cabisbaixos, carregando-a para o cemitério. Mas ainda teve tempo de acompanhar, lá atrás, sob uma chuva fina e o repicar lento e cadenciado de um sino ao longe. Muitos viram lágrimas rolar na sua face, e só as mulheres afirmam ter visto, por baixo do grande boné, mechas de cabelos azuis, antes de ele desaparecer, desta vez, para sempre, deixando pela última vez andorinhas mortas inundando o chão da praça, para alegria dos gatos.

A LONGA ESPERA

À medida que o trem avançava, entrando na cidade, o pensamento de Dom Luiz Galdino retornava a tempos remotos; as lembranças tornavam-se mais vivas – como se tivessem sido congeladas por toda a vida – e agora, aos poucos, se faziam confusas, nervosas, sobrepondo-se umas às outras, sem ordem.

Lembrou-se de, na infância, ter ouvido alguém falar que o moribundo, antes de dar o último suspiro, vê se repetirem ao vivo e em cores todos os acontecimentos de sua existência; recordou-se também de quando decidiu não mais acreditar nisso, pois quanto mais velho ia ficando, mais esquecido e ruim da vista se tornava. Foi por essa época a decisão de voltar, e tanto tempo levou para realizar o desejo, que agora não sabia se retornava à terra natal ou se sua vida desfilava, colorida, diante de si.

O trajeto feito desde que avistara as primeiras casas até à praça da estação foi acompanhado por um coração saltitante e dois olhos úmidos. Sentia o passado lhe invadir não só os olhos, mas a boca – agora amarga –, ouvidos e narinas. Quando desceu, com dificuldades, os seis degraus da plataforma e mal colocava a mala no chão, já três pares de mãos o amparavam.

– Pode deixar, Dom Luiz, nós o ajudaremos! – E foram logo pegando a mala e o casaco e seguindo adiante, enquanto um

deles retirava gentilmente a bengala de sua mão, dando-lhe o ombro para que se apoiasse.

Dom Galdino nada entendeu, pois saíra dali rapazola, em seus vinte e dois anos incompletos, sem deixar pistas; errara pelo mundo afora por mais de seis décadas e agora voltava na ilusão de não ser reconhecido por ninguém – dado que poucos daquela época continuariam vivos – e encontrava, logo na descida, três estranhos, que não só o reconheciam, como se prontificavam a ajudá-lo nos mínimos detalhes.

Nem bem avistou os telhados ao longe, perdeu o domínio correto do raciocínio. Confundiam-se imagens mais recentes, de quando ainda vivia sobressaltado, fugindo de cidade em cidade – como se o cão andasse em seu encalço –, com lembranças de antigamente, quando ainda morava ali, na sua terra; bem antes de ter que matar o compadre e vizinho Eleutério Gomes, por uma questão de palmo e meio de terra separando os dois terreiros. Entre um pensamento de antes e outro mais recente, apresentavam-se os olhares curiosos na estação – os mesmos de todas as épocas – e as seis mãos oferecendo ajuda. Parou um pouco, tentando colocar as idéias em ordem. Fez menção de ir para a esquerda, depois para a direita – aquietou-se –, pois as pernas não o ajudavam, e resolveu ganhar tempo, sentindo receio de continuar naquela caminhada.

– Senhores, agradeço muito a preocupação, mas podem deixar... eu me arranho. – Disse, tentando olhar para os seis olhos ao mesmo tempo.

– Que é isso, Dom Luiz?! Nós fomos pagos para isto, é só uma obrigação; não é a nós que deve agradecer. – Falou um deles, repetindo os sorrisos marotos dos outros dois.

Estas palavras e os sorrisos o deixaram mais perdido; baixou a vista, pensou um minuto e soltou algumas frases inseguras:

– Bem... vocês poderiam ir na frente... deixar a mala na pensão de Dulcinéia... vou fazer a barba e irei descansar em seguida.

– Pois não, Dom Luiz! Assim será feito. – E saíram com um sorriso no canto dos lábios, tirando antes os chapéus e fazendo um cumprimento com as cabeças, desordenadamente, com tempo de um deles ainda dizer:

– Só que o hotel não é mais da Dulcinéia, ela morreu faz mais de vinte anos, eu nem a conheci; a dona é sua filha e já é bem velha. Mas não se preocupe, tem um quarto reservado para o senhor... há muito tempo.

Dom Galdino balançou a cabeça, como se tentasse fugir de um sonho, e cada vez mais as recordações se misturavam. Tivera a intenção de chegar despercebido à cidade – como planejava há mais de quatro décadas e sempre adiava, por não se achar devidamente velho para não ser reconhecido –; andar de novo por suas ruas, ir à barbearia rever seu irmão Antônio, relembrar, junto com ele, os familiares mortos e vivos, saber dos parentes ainda não conhecidos, tentar justificar-se por ter feito aquela besteira, arruinando as duas famílias, explicar-lhe por que nunca mais voltara e sequer mandava notícias. Entretanto nestes pensamentos, não percebeu que atravessara a cidade; quando deu por si, já avistava o muro branco do cemitério no final da rua. Caminhou para lá, lembrando-se da mãe e do pai – mortos logo em seguida ao crime, talvez de desgosto –, adentrou o portão e só ao chegar à capela conseguiu se orientar. E não entendeu, quando se dirigia ao túmulo da família, a presença daqueles dois homens, dos quais só se viam as cabeças e as mãos levantando as pás e jogando terra para um lado. Pensou rápido, as idéias – mais velozes – passam em sua mente, feito abelhas: a mãe e o pai haviam morrido, o irmão... não! melhor seria não pensar. Afastou-se rápido, sem olhar para trás; entrou e saiu do mercado – perdido em lembranças, sem conhecer mais ninguém – muito embora, vez por outra, alguém o cumprimentasse tirando o chapéu e com um sorriso igual ao dos homens que o receberam na chegada, um sorriso mais de olhos que de boca.

Rumou para a barbearia e a encontrou fechada, parecendo estar assim há muitos anos, o capim subindo nas portas e a

fachada sem cor. Sentiu medo de perguntar, olhou para os seis lados que se pode olhar quando se está perdido... e as pernas o levaram à mercearia em frente, onde sete homens o esperavam alegres, como se o conhecessem de muito.

- Boa-tarde, senhores! Sabem onde se encontra o Ant...?
- Desistiu da pergunta com medo da resposta; entrou e foi logo cercado de atenção, embora as frases entrassem e saíssem por seus ouvidos, como se fossem besouros, zumbidas e sem entendimento.

Travou uma conversa longa, sem ouvir palavras, pois estas se confundiam em sua cabeça, como um rodopio do vento na poeira do terreiro. Fixou os olhos nas paredes e foi aos poucos se acalmando; de lá um sorriso antigo e confiante lembrava, na propaganda do cigarro "Princesa", os primeiros porres, as primeiras tragadas, ali mesmo no bar em frente à barbearia do avô, onde se escondia atrás da coluna para não ser visto pelo pai. Os rostos que o cercavam foram tomando contornos e neles viu, apesar de serem todos jovens, os antigos amigos e vizinhos; os traços dos queixos eram dos companheiros de ontem, também os narizes, os gestos. Na sua cabeça confusa pouco importava se depois os vizinhos se tornaram seus desafetos e o perseguiram por anos a fio - agora até se alegrava e entendia algumas palavras.

- Seu Luiz, papai o esperou muito; revivia as partidas de "dama" jogadas entre a nossa casa e a sua. Morreu esperando o senhor.

- Bem... a vida não permitiu que eu voltasse, senão agora. - Disse Dom Luiz Galdino, quase gaguejando e ainda sem entender.

Aos poucos cada um foi desenterrando fatos acontecidos quando, com certeza, nenhum era nascido - histórias de há muito tempo - firmes, sem titubeios, como se tivessem soletrado desde que vieram ao mundo.

- Tio Joaquim sempre soube onde o senhor estava, e em muitas ocasiões esteve ao seu lado... e nunca teve coragem...

esperava o senhor voltar. – Falou, lentamente, o que parecia mais velho.

– Como sabem tanto de mim, se nunca me viram? — Soltou, novamente perdido.

– Quanto a nós – apontou um deles para mais três outros que já não sorriam como no começo da conversa –, ouvimos falar do senhor desde o dia em que nascemos até ontem pela madrugada; não se passou um só dia nem uma única noite em que seu nome não fosse falado lá em casa; fosse em conversa ou sem querer, até mesmo em sonho... e nosso pai, ao morrer, pronunciou por último: “– Luiz Galdino Cavalcante, aquele filho da puta”.

Dom Luiz não sentiu medo porque, com certeza, seu cérebro não mais lhe obedecia. Mas sentiu uma espécie de espanto, torpor ou um sentimento qualquer fazendo com que ele não chorasse, corresse ou... Continuou sem sentir o corpo – prostrado –, só a língua dava sinal de vida.

– Falem-me do meu irmão Antônio... ele morreu?!... é por isso que estão abrindo o túmulo da família?! – Perguntou sem esperar resposta. Recordou-se de ter lido (e não de ter ouvido alguém falar na infância, como pensou antes) num almanaque – desses que correm o mundo todo, impressionando as pessoas mais crédulas – que quando se vai morrer, vê-se a vida toda desfilando à nossa frente.

– Não! – Respondeu, entre firme e jocoso, um dos irmãos que até então não falara. – Seu irmão morreu, sim! mas há mais de dez anos; morreu em paz e havia esquecido o senhor.

– Então, quem da família morreu? – Teimou em perguntar, a voz rouca, os olhos embaçados, mas suficientemente limpos para verem que os sete já estavam de pé e se dirigiam cada um ao seu encontro, com suas armas na mão.

SOLUÇO ANTIGO

*É triste o entardecer, bóiam coisas
mortas na lembrança, como afogados.*

Vergílio Ferreira

AUSÊNCIA

Desde que a mulher morreu, ele pouco sai do quarto, tornando-se difícil até a limpeza feita às escondidas pela filha mais nova, que aproveita a hora das refeições para enfiar-se na penumbra do velho quarto de casal e espaná-lo rapidamente, tendo o cuidado de não retirar nada do lugar.

Quando a esposa era viva, eles pouco se falavam: um resmungo aqui, outro acolá. Fazia anos que não conversavam, como se houvessem esgotado todos os assuntos, e davam a impressão de um ligeiro rancor (mais presente nos olhos e no balançar de cabeça usados no lugar das palavras).

Sempre dividiram a sombra larga do benjamim da calçada, sentados nas antigas cadeiras de balanço. Durante o dia entretenham-se com os afazeres de casa – ela catava o feijão na cozinha, depois terminava o almoço, aproveitando enquanto as panelas estavam no fogão para varrer de novo a sala de jantar; ele espantava os meninos que roubavam goiabas no quintal, aguava as roseiras novamente, resmungando sempre os mesmos insultos aos *demônios* que teimavam em pular o muro – e somente de tardezinha sentavam-se à calçada, obedecendo a um hábito antigo de quando os filhos ainda não eram casados e moravam todos em casa.

Nem à noite, quando se recolhiam ao quarto no fundo do corredor, ouvia-se alguma conversa entre eles. Agora, porém,

que ela morrera, ele adquiriu uma tristeza imensa, comportando-se como se houvesse morrido também. Não sai do cômodo escuro nem quando a filha mais velha aparece depois de longa ausência. O tabuleiro de damas continua empoeirado em cima da mesinha de cabeceira, as pedras gastas, minuciosamente arrumadas num saquinho ao lado; o almanaque velho, que ele sempre consultava para saber a posição da lua e o santo do dia, hoje permanece esquecido na gaveta do armário e até as cadeiras de balanço foram relegadas a um canto da sala.

A filha mais nova ainda aproveita a hora do almoço e do jantar para uma ligeira arrumação e sai às pressas quando ouve o roçar leve da caneca de alumínio no beijo do pote – não sem antes repor o velho penico de ágata no seu canto certo, embaixo da cama. Depois ele então se recolhe, para só aparecer depois de um novo chamado vindo da cozinha.

A RUA DO CEMITÉRIO

Estivesse eu em plena mocidade, poderiam morrer quinze ou trinta que não me fariam mal, hoje não. Poderiam fazer fila com seus caixões pretos e suas flores murchas descendo a Rua de Baixo, passando apertados por sobre a Ponte da Mijada e saindo na Rua da Saudade, desfilando em frente à minha casa, antes de desaparecerem entre muros e túmulos do cemitério.

Nem sei se esta casa foi construída na rua do cemitério ou se o cemitério é que foi esquecido no final de nossa rua, sei bem que já nasci vendo enterros passearem em nossa porta, deixando a rua inteira com os pés na calçada e com os olhos arregalados no esquife, nos parentes e amigos do morto.

Quando criança quase nunca víamos um caixão, só quando morria gente de bem. Passavam redes penduradas em varas longas, levadas por homens que se revezavam de dez em dez metros, como se o morto pesasse muitos quilos ou nossos olhares, de um lado e outro da rua, lhes cansassem. Conhecíamos a situação do defunto pelo estado em que se encontrava a rede, pelos buracos por onde, vez por outra, saía um pé descalço ou mão amarelada, e pelos remendos encardidos. Alguns deixavam famílias tão pobres que estas saíam do campo-santo levando de volta para casa a rede, outras levavam pais e depois filhos nas mesmas redes.

Muitos foram os acontecimentos estranhos que vi de minha janela nesta vida toda; uns, misteriosos; outros, engraçados; já alguns, nem misteriosos, nem engraçados; além dos casos contados, entre um trago e outro, pela velha coveira Júlia.

Como o enterro de Dr. Epifânio, que, na juventude, vira uma banda de música tocar dobrados no cortejo fúnebre de um coronel importante e resolveu deixar escrito em seu testamento o desejo de ser acompanhado pela bandinha de música da cidade, esquecendo que esta só sabia tocar marchinhas de carnaval, deixando todos atônitos na hora de acompanhar o féretro; uns choravam, outros ensaiavam tímidos passos carnavalescos; já alguns choravam com boca e olhos e sambavam com pernas e braços.

Ou quando a rua foi tomada por grande gritaria, gente invadindo casas e indo se esconder nas camarinhas, dentro dos guarda-roupas e debaixo das camas, com medo de um morto que saltara da rede em plena Rua da Saudade, causando o maior alvoroço; pessoas fugiam por medo, e outras corriam atrás do morto para trazê-lo de volta à rede; no final da confusão o morto foi acalmado e resolveu morrer de vez. Depois, trabalhoso foi convencer as pessoas a saírem das casas alheias, tremendo de medo. Esta não era a primeira vez que um filho da família Maia dava trabalho para morrer, dizem que seu avô paralítico pulou da cova ao jogarem a primeira pá de terra. Também o pai do morto derradeiro fora salvo após uma noite de agonia debaixo do chão, obrigando a velha Júlia a desenterrá-lo para que este a deixasse dormir. Nunca se soube explicar esse fenômeno da dita família, mas o enterro de qualquer parente, por mais distante que fosse, causava grande rebuliço na cidade.

Outra família de enterros complicados era a dos Louzeiros, também denominada de "Fofa-chão", composta por homens de grande peso, corpulentos e de pés grandes. Não se contam as redes rasgadas por seus mortos. O último foi um jovem de dezessete anos e mais de cem quilos que desabou do caixão em pedaços, causando também grande algazarra. Só ultimamente

os carpinteiros inventaram um novo tipo de ataúde com armadura de ferro para essas ocasiões.

Mas revolta mesmo causou o bodegueiro Adonias ao parar um enterro à bala em plena Ponte da Mijada, para que o morto lhe pagasse uma antiga dívida. Feriu alguns parentes do devedor, dispersou a multidão a tiros e, como não recebeu o dinheiro, matou de novo o morto.

Verdade que ríamos muito, debochávamos dos parentes e amigos que choravam, cabisbaixos. Fazíamos uma lista de todas as fofocas sobre a vida daquele que não tinha mais vida, e esta corria a rua de porta em porta. E não conto as vezes em que via o morto olhar ameaçadoramente por algum buraco da rede ou mesmo levantar levemente a tampa do ataúde, como se dissesse que me aguardaria lá para um acerto de contas, e se despedir com um sorriso maroto. Na meninice não levava a sério tais fatos, pois quando somos jovens não atentamos para muitas coisas estranhas, por pensarmos que são possíveis e nós é que não conhecemos ainda este lado da vida. Hoje não, já vi de tudo e lembro um a um todos os mortos com seus olhares amedrontadores e suas caras de desdém.

Agora vivo apavorada, não posso mais ver um enterro que desato a chorar a tarde inteira, e à noite não durmo, prostrada em frente à janela que dá para o cemitério, como se lá houvesse uma força irresistível. Os mortos de hoje continuam levantando a tampa de seus caixões, mas agora com sofreguidão, e não me deixam de ameaçar com seus olhares, mesmo eu já não rindo deles, como se os muitos inimigos que tenho no cemitério os tivessem avisado da existência daquela velha que passou a vida toda a rir e a falar mal de todos os mortos. Já não durmo à noite, com medo, pois sei que me esperam ansiosamente, alguns há quase cem anos. Sinto faltar pouco para eu ir ao encontro deles. Todas as noites ouço um sussurro de muitas vozes vindas de lá, e todos os vaga-lumes da terra voam para aqueles lados num enorme clarão. Com certeza me preparam uma grande festa com direito a risos, cócegas, gargalhadas, fofocas, beliscões e puxões

de orelha, depois da qual me isolarão, sem falar nem olhar mais para mim, a não ser com aqueles antigos olhares.

Já fiz de tudo para não ser enterrada aqui, até comprei túmulo em outra cidade, mas, como não consigo mais andar, estou perdida. Todos dizem que estou caducando. Pensei até em me queimar toda com esta lamparina, para que não me reconheçam quando eu lá chegar.

ALEGRIA BREVE

O velho Arledo acordou com estranhas sensações de alegria. Alegria esta vinda após mais de trinta anos de tristeza, desde as primeiras dores reumáticas, as primeiras prisões de ventre e os primeiros afastamentos dos filhos recém-casados.

O lundu eterno do velho sequer foi notado, pois todos acreditavam ser característica intrínseca dos velhos, o que não aconteceu com sua alegria repentina e tardia, depois de ter visto desfilar em sua porta um enterro e passado a noite em pesadelos.

O renascer altivo e misterioso de um avô já quase esquecido da família foi motivo de comentários tristes de parentes e amigos. Para eles, ali começava o fim; ali iniciavam as vergonhas dos filhos, netos e noras; ali principiava um período de mais trabalho físico e mental para todos; era a caduquice do ex-eterno patriarca da família.

Às doze palavras diárias foram acrescentadas mais cento e vinte outras. Algumas totalmente fora de moda. Estas, quem entendia era somente o filho mais velho e a comadre Verônica, quase da mesma idade. Outras palavras eram extremamente jovens, aprendidas da televisão, dos bonecos e padarias. Já estas, somente quem entendia era o filho mais novo, os sobrinhos e netos, também, quase todos da mesma idade.

Roupas velhas tiveram que ser engomadas e algumas novas, compradas; uma alpercata de rabicho foi encomendada

para as visitas e passeios do velho-novo. Até antigos pacotinhos de brilhantina voltaram às gavetas da cômoda.

Deu para reverberar pela casa palavras ocas, entrecortadas por discursos meio filosóficos, pedaços de músicas e conversas antigas.

– Arre, Aniceto, solta essa espingarda... “Aos pés da Santa Cruz, você se ajoelhou, em nome de Jesus um grande amor você jurou...”

Os olhares se desviavam dos seus e se cruzavam mais na frente, depois encontravam-se no chão, perdidos entre lentos balançares de cabeça.

Certa manhã, ao acordar de sonhos bem tranqüilos, veio uma vontade louca de soltar papagaio, brincadeira hoje quase esquecida. Foi um trabalho árduo convencer os dois sobrinhos e os três netos a irem para a rua brincar com Seu Arledo, que ameaçava chorar se não arranjasse companheiros. Trabalho maior foi convencê-los, às três da tarde, a almoçar, dada a enorme quantidade de pipas no céu da rua.

Algumas paixões escondidas pela família, as brincadeiras de criança, as gargalhadas sem motivos só foram interrompidas por uma crise aguda de reumatismo, seguida de morte. Não sem antes respingar frases que saíam de sua boca como se tivessem sido usadas pela vida toda, limpas, sem titubeios, firmes como se fossem ditames filosóficos incontestáveis. A essas frases, que assustaram os parentes, eram intercaladas gargalhadas histéricas e pedaços de conversas e músicas de antigamente.

– ...Uns com o olhão grandão e o outro pequenino; outros com um olhinho pequeno e o outro grandão; e eu com os meus dois olhões grandões... “Albertina não me faça sofrer, dom Rafael vai dar a bronca e vai ser contra o direito de nascer.”

Tirante o penico de ágata do velho que, em noites de julho, se arrasta pela casa e algumas batidas de porta em noites calmas e sem vento, nada restou dele, a não ser suas últimas palavras, que escorregavam de sua boca já fechada, como se fossem um assobio do vento nas frestas das telhas.

– ...Ah, velhice, essa fábrica de monstros... – E finou-se.

CORONEL, CORONEL...

Repetia ordens inúteis, os vizinhos davam de ouvido e se afastavam sorrindo. O menear de cabeças indicava que há muito tempo não o levavam a sério. Ele não cansava e, de novo, batia continência ao primeiro que passasse na calçada, que logo apressava o passo, balançando a cabeça em desdém.

A filha repetia a quem quisesse ouvir que ele já fora médico famoso, tinha consultório montado na *praça* e era respeitado em *sociedade*. Repentinamente interrompia sua explicação à visita e saía, pois uma algazarra tomava conta da rua.

– Coronel, Coronel... cabeça de pastel!...

Ela perdia a compostura e avançava contra os moleques, que insistiam em insultar o velho; descendo a calçada, ele os enxotava aos gritos, vez por outra apontando uma arma imaginária na direção dos agressores.

Logo que os meninos fugiam, a mais velha das filhas (a única que ainda morava em casa) entrava para dar atenção outra vez à visita. Então voltava a insistir nas antigas qualidades do pai, segredando que, antes, todos da família freqüentavam os clubes de grã-finos, que os filhos nunca haviam repetido uma roupa nas festas sociais... De repente parava, pensativa; minutos depois continuava com a voz embargada e, parecendo sofrer muito, confidenciava que a desgraça do velho foram as forças

armadas... se não tivesse ficado tão empolgado com as vantagens dos militares, não teria ido à guerra e, conseqüentemente, não estaria naquela situação, impressionado com o que viu nos campos de batalha.

Lá fora, outro burburinho. O guerreiro velho recomeçava nova batalha contra os pequenos invasores; mas desta vez ele recuava da sala em direção à cozinha, perseguido pelas pedradas que não lhe davam sossego. Novamente a filha saía em seu socorro e, com um cabo de vassoura nas mãos, afugentava a meninada, que dobrava a esquina aos gritos e ia planejar – embaixo do cajueiro da praça – um novo ataque para dali a pouco.

Sentava com dificuldades o pai na cadeira ao pé da janela, insistindo em explicar-lhe que não reagisse, pois iria dar um jeito naqueles *demônios*; e mal saía da sala, voltando para a cozinha, já recomeçava a conversa, continuando como se a interrupção não tivesse sido importante. A tristeza substituía a raiva em poucos minutos.

A visita ouvia de novo a história da mãe que, não suportando a vergonha de ver o marido tresvariar pelas calçadas, fugiu com as duas filhas mais novas e voltou para a casa dos pais, nunca mais retornando sequer nos casos de doença do coronel reformado. Jamais interrompia os devaneios da anfitriã, nem mesmo quando ela repetia pela terceira vez seu sofrimento e resignação ao ter de cuidar sozinha dele naquela situação, e ainda por cima agüentar a molecada da vizinhança insultando o coitado, não lhe dando tréguas.

– Atenção, soldados, alto!... Marchem, soldados!... tragam ligeiro o mercúrio, segurem os braços dele e enfiem gases na boca desse infeliz para ver se ele deixa de gritar. – Nesse instante o coronel conversava sozinho, dava ordens a uns e insistia com outros em tom diferente. Às vezes esbravejava como se falasse a um cachorro, pouco depois amenizava a voz e explicava humildemente que fizera o possível, não poderia fazer milagres.

A primogênita explicava que ele não podia ouvir os fogos em épocas de carnaval ou festas juninas, entrava em pânico e se escondia nos quartos do fundo da casa; tremia tanto que era preciso trazer o médico para lhe aplicar tranqüilizantes. E não custou muito para os moleques da rua perceberem seu medo das explosões, logo empestaram as calçadas com pequenas bombas "rasga-latas" – fazendo com que ela tomasse providências sérias, denunciando aos pais e até indo à delegacia dar queixas.

A trégua dos meninos não tardaria muito a ser quebrada. O coronel agora discutia não sei que assunto em tom defensivo; em seguida explodiria num acesso de fúria, exigindo a presença da filha antes que a sala fosse destruída. A visita não se assustou como da primeira vez, porém temia que a filha perdesse o controle sobre o pai. O velho, por fim, marchava de um canto a outro da sala, parando de vez em quando para dar continência a alguém que passava na calçada.

Bem do outro lado da praça, os meninos desciam do cajueiro e se preparavam para um novo ataque, quando avistaram a "bruxa que protegia o velho" despedindo-se de sua visita.

Sabiam que agora seria mais difícil um ataque direto, mas ficariam atentos, novamente empoleirados nos galhos da árvore, aguardando nova oportunidade... enquanto decidiam uma outra estratégia, revezavam-se em corridas rápidas pela frente da casa, e o grito de guerra enchia a rua.

– Coronel, coronel... cabeça de pastel!...

DOMINGO

Mal amanhece o dia, os vizinhos escutam o som fanhoso e cheio de ruídos da antiga vitrola a manivela. No sábado à noite ele faz a arrumação dos velhos discos na penumbra do quarto de casal, seleciona uma dúzia deles, limpa-os cuidadosamente como nos tempos de mocidade e os dispõe em fila, próximo à cabeceira da cama – a seleção dos intérpretes parece ter sido feita com minúcia durante a semana, visto que rapidamente é realizada a escolha.

Desde o sábado à tarde já começa a sentir-se melancólico, fala pouco, e os olhos se perdem no infinito – não respondendo sequer às perguntas inúteis da companheira de meio século; sozinho, rega as roseiras do jardim enquanto espera o sol desaparecer detrás do casario ao lado. Assim que escurece, apenas janta e logo se dirige ao quarto no fundo do corredor, onde reza o terço antes de começar a mexer nos discos, perdendo-se em pensamentos. Deste momento em diante, e até segunda pela manhã, ele não abre a boca. Acorda cedo, prepara café e o toma com as tapiocas deixadas pela mulher no armário da cozinha; depois tranca-se no quarto entre os ruídos dos discos de vinil e a voz melosa dos cantores de sua juventude.

A manhã inteira já passou, e a tarde segue lerda, paciente. A companheira de meio século de convivência cochila na cadeira de balanço, a agulha de tricô procura com dificuldade o buraco

estreito onde deve entrar. O gato ressona à sombra da roseira, sem se importar com o canto pausado de uma fogo-pagou nos galhos acima de sua cabeça.

A música fanhosa interrompe-se apenas por alguns minutos, somente o tempo em que é trocado o disco ouvido bem duas ou três vezes, para recomeçar em seguida na direção da noite que se aproxima vagarosa, como se não quisesse chegar. Na penumbra do jardim a senhora há muito largou o tricô em cima da cadeira e agora pensa nos filhos distantes; de vez em quando parece vê-los correndo entre as plantas, alegrando as velhas tardes de domingo, quando todos ainda moravam em casa. Pelas nove da noite a mulher chama o marido para o jantar, e ele ainda passa uma boa meia hora arrumando os discos na mala de couro e colocando a vitrola dentro do guarda-roupa, cobrindo-os cuidadosamente com uma toalha de mesa para só descobri-los no próximo sábado à noitinha.

EM FAMÍLIA

E logo eles, que sempre foram tão unidos. Os mais velhos haviam criado, ou pelo menos ajudado a criar, os mais novos. Tirante as pequenas encrencas normais em qualquer família, nunca se ouviu falar em nenhuma desavença entre eles. Mas que havia arestas arranhando a convivência, havia: um ligeiro mal-estar aqui, um comentário maldoso ali – o certo é que a família já não era a mesma.

Enquanto a mãe era viva, tudo tinha sido abafado com muito carinho. Ela segurava a ponta do barbante com dedos leves e movia as marionetes em sentidos diversos, nunca as chocando uma contra a outra... quando muito, resvalavam de leve.

Depois que a jeitosa matriarca morreu, o pai quase não falava com os filhos – cultivava uma tristeza irremediável; fechando a mercearia cedo, trancava-se no antigo quarto do casal e de lá apenas saía quando a filha mais nova, a única que não casou, vinha chamá-lo dizendo que o almoço estava na mesa. Há anos deixou de jogar damas e nem se lembrava mais das infundáveis partidas que ajudavam a vencer a quentura da tarde. Nem os livrinhos de *cowboy* eram mais trocados com os vendedores ambulantes; poucas vezes foi visto com um deles entre os dedos – e não adiantava o filho mais velho deixar alguns sobre a mesa do jantar, ele sequer os olhava.

A tradição do almoço aos domingos desapareceu com a mãe, quando muito um ou dois se encontravam no acaso de

alguma visita. Disfarçavam interesses em perguntas descuidadas, quase nunca atentavam para as respostas, mas somente para esconder um certo mal-estar que ia aos poucos crescendo entre eles.

D. Guiomar era a que possuía mais recurso; o marido, funcionário do banco. Vez por outra passava rápido, levando uma fatia de bolo ao pai, e aproveitava para perguntar pela ajuda dos outros irmãos, não se esquecendo de jogar velhas queixas aos ouvidos do velho. A mais nova, que ruminava antigas rixas com o pai, calava-se fingindo um enxaguar de xícaras; há anos não se dirigia a ele, senão quando o chamava para as refeições ou pedia o dinheiro para os alimentos. O filho do meio passava meses sem pôr os pés em casa, amigado com uma senhora de péssima fama – preferindo a ausência para não ter que ouvir as mesmas lições de moral dos irmãos. Só aparecia quando estava bêbado, dizendo coisas disparatadas, abraçando muito o velho, e sempre aproveitava a simpatia da ocasião para pedir algum empréstimo. A segunda mais velha pouco falava – apenas repetia o destilar de veneno do marido, para quem os irmãos eram todos uns falsos.

Mas tudo era coisa muito calma, sem palavras ásperas, discussões inúteis – uma classe digna de família rica e educada em bons colégios. Quase nunca dava para perceber qualquer diferença entre eles, muito pelo contrário, até eram exemplos de convívência fraterna nas conversas dos amigos, como se a mãe continuasse a mexer o barbante, evitando que se chocassem com frequência; quando muito, um leve resvalar de braços, uma indireta, um comentário em falso.

Poucas foram as vezes em que se notou alguma desavença. Uma delas foi quando a filha mais velha presenteou o pai com um relógio e – para que os irmãos ficassem sabendo – convidou todos para uma fotografia com o patriarca no dia dos seus oitenta anos. O convite ainda hoje é repetido, ano após ano, sem que jamais se tenha conseguido completar a foto, como aquele retratinho amarelado (de quando eram pequenos) que o pai guarda com bastante orgulho, em que todos demonstram uma felicidade nunca mais fotografada.

EPOPEIA

A florzinha de bem-me-quer grudada no dedo trêmulo. O bolso da calça cheio de bombons, as pernas bambas tentando completar a ronda diária pela vizinhança.

– Seu Joãozinho anda cada dia mais caviloso. A mamãe disse que ele tá caducando.

– É a solidão, viu, Candinha. Ele só quer um dedinho de prosa.

Desde as três da tarde ele começava sua eterna peregrinação pelas calçadas: distribuía as balas, pregava os cravos no cabelo das meninas, apertava demoradamente a mão das senhoras. A brilhantina do cabelo reluzindo, o bigodinho discretamente arrumado com o polegar.

– Mamãe contou que foi depois da morte de D. Herminia. Antes ele só saía com ela; falou também que os dois andavam sempre abraçados, numa união danada...

O velho agora se despedia das irmãs Firmino, dava um beijo na testa da mais crescida, apertava o bracinho magro da pequena. Demorava-se um pouco para retirar novamente alguns bombons do bolso e os entregava sem deixar de reter um instante a mão da menininha.

– Não sei que maldade mamãe vê nisso; só sei que ela não quer nem que eu chegue perto...

- Só pode ser por causa das mãos dele que faltam não largar mais a da gente.

- Foi ele que me ensinou a ler as mãos, cada linha tem um significado. Essa bem daqui é a linha da vida, disse que eu vou viver muitos anos.

- Pra mim também, mas a mamãe quase me bateu quando eu lhe contei.

João Trindade atravessava a rua a todo instante, bastava avistar alguém na calçada – evitando apenas a de dona Amélia, que sempre lhe virava as costas (se benzendo muito) antes de entrar em casa apressada.

- Seu Joãozinho tem *mel de abelha*? Não vá dizer que se esqueceu de mim!? – disse Lurdinha, dando antes uma olhada na direção de casa.

- Que nada, minha florzinha. É que não tem mais no armazém; mas trouxe aqueles azedinhos... são bem mais refrescantes.

- Mas, Seu Joãozinho, o senhor não sabe que eu prefiro...

- Sei, sei... minha querida, mas você já é muito doce, experimente estes... – e retirava com as mãos trêmulas os bombons amarrotados; em seguida avistava a viúva Campelo botando a cadeira de balanço embaixo do benjamim. Esquecendo-se de entregar os bombons à garota, batia em retirada para completar sua volta de todas as tardes.

- Mamãe disse que ele tá quase cego. Já chegou até a paquerar com a neta sem saber... mas também a mamãe aumenta demais.

- Que maldade...

JEREMIAS OU O VAMPIRO DA RUA DAS FLORES

Meu pai contava que seus avós já se referiam a Jeremias como sendo velho. Parecia ter nascido gasto, pescoço enrugado, olhos brancos pela belida. Mas o que se sabe dele hoje nunca foi confirmado por olhos de ninguém, pois desde a época de meu pai ele não aparece à rua. Sempre trancado na casa velha e escura, e poucos arriscaram-se a pôr um pé em seu jardim.

Há mais de cem anos não vem à calçada, desde o tempo em que o acusaram do desaparecimento de crianças na Rua das Flores. Verdade que nunca provaram nada, mesmo assim queimaram uma parte da varanda e as rosas do canteiro.

De que se alimenta, não sabemos – coisa alguma entra pela velha porta. Falam que ele cria cachorros e que os devora tão logo cresçam... e, de fato, na vila não tem cão que mais dia menos dia não desapareça.

Muitos mentem contando casos de visitas ao sobrado, de subidas no telhado e muro do quintal. Afirmam uns, convictos, que em sua casa não há espelhos, que dorme em meio a bichos e cinzas do fogão – contam ainda que ele sai à noitinha e se mete pela copa das árvores, observando a todos. Outros, mais afoitos, juram que ele vagueia pelas ruas a madrugada inteira.

E a única certeza que se tem é de que ele é vivo, pois, apurando bem os ouvidos, somos capazes de jurar ter escutado sua respiração pesada... além do choro de crianças ou latido de cães que se ouve em noites de vento.

LAMPARINA

A velha Olga ainda se lembrava de todas as fofocas de família e as contava (gesticulando muito) enquanto fazia pequenas fogueiras com os papéis juntados nas calçadas. Passava muito da meia-noite, e a lua já se escondia por trás de um casarão no outro lado da praça.

Durante o dia ela pouco falava, entretida com os trabalhos de casa. As poucas vezes que saía era para ir à bodega no final da rua, e as únicas palavras que escapavam de sua boca dirigiam-se a alguns vizinhos de sua idade: bons-dias ditos sem sequer olhar para o cumprimentado, a cabeça permanecendo baixa.

Boquinha da noite, os que possuíam lâmpadas a gás acendiam-nas e as penduravam em um prego na parede da sala. Noutras residências circulavam lamparinas de querosene, alumando os últimos afazeres domésticos. Até que, no mais tardar dez horas da noite, não se avistava mais a claridade filtrada através das frestas de portas e janelas.

Somente quando a rua parecia não ter mais vida, acendia-se uma lamparina na casa de cumeeira alta em frente à praça. A partir desse instante a velhinha adquiria vida nova, ralhava com uma filha, mandava impaciente a mais velha ir varrer a cozinha, depois cantarolava por muito tempo diante de uma rede vazia no quarto que fora da caçula.

Pela madrugada a casa inteira adquiria uma movimentação como se estivesse em pleno dia, quartos eram varridos, a mesa arrumada para o jantar e as cadeiras postas na calçada. Durante esse período quase nenhum barulho se ouvia nas ruas, apenas um cantar de galo em algum quintal, o lamento triste de um rasga-mortalha que sobrevoava as árvores da praça. Porém, dentro de casa, a velha Olga destilava conversas azedas sobre uma comadre, acusava o irmão de lhe ter roubado as jóias para presentear uma rapariga, e até os pais recebiam reclamações por causa de suas preferências a outros parentes.

No começo, os vizinhos se assustavam quando viam a velhinha tresvariar madrugada afora e atribuíam seu desvario à perda dos filhos, do marido e das últimas irmãs, ao sofrimento acumulado durante toda a vida e à solidão que a velhice lhe impôs depois de uma existência movimentada, de casa sempre cheia de gente e de brigas. Mas, com o passar do tempo, a aventura noturna da anciã quase não era notada, e poucos se incomodavam com os gritos em meio às confusões mais sérias no seio da família imaginária. Ela, antes de trancar-se novamente em casa, varria metade da rua, juntando papéis e madeiras, e depois ia acendendo as muitas fogueirinhas no beicho da calçada. Quando os primeiros madrugadores passavam, atravessando a praça, ainda sentiam o cheiro forte de fumaça enchendo o ar.

E mesmo já fazendo quase uma década que a encontraram morta dentro de casa, os vizinhos continuam ouvindo as infundáveis brigas no casarão abandonado, daí tiram um terço para que a alma da pobrezinha descanse em paz... alguns que se arriscam a passar em frente ao sobrado não deixam de se benzer rápido, antes de logo se afastarem com medo.

MENINOS

Sentado na espreguiçadeira, o padre Heládio retira vagorosamente algum piolho dos testículos – uma perna encolhida, a outra bem aberta e escorada num tamborete de trava quebrada. Daqui a pouco ele vestirá a batina, limpando o sebo das mãos com um molambo, pegará a bicicleta e irá espantar a molecada que joga bola no pátio da igreja, usando a porta principal como trave.

Ao longe vagueia D. Francisca Melo pelas calçadas, falando ao vento e gesticulando muito. A criançada a percebe e não tardam os insultos:

– Chica sabão, Chica sabão...

Ela desvia sua eterna rota das calçadas e vem enxotar a cambada sem-vergonha, sem pai nem mãe, que se afasta gritando – a bola de meia à mão, chinelos na outra.

D. Francisca chega esbaforida à porta da igreja e só encontra o vigário, que a custo sobe o alto da matriz, aproveitando todas as sombras para respirar fundo e limpar o suor do rosto. Bem longe a meninada, antes de procurar outro local para brincar, ainda grita os últimos insultos:

– Chica sabão, Chica sabão...

Mais tarde ela passará de casa em casa, informando-se de quem eram os meninos para, em seguida, enredar aos pais deles

os desaforos recebidos. Pela boca da noite o vigário reservará um cantinho da pregação para reclamar dos moleques que maltratam, a boladas, a porta da igreja e nem respeitam os mais velhos.

No outro dia, bem cedo, lá estará o reverendo a remexer os testículos ensebados – pernas escanchadas no tamborete manco –, logo em seguida irá enxotar os garotos do pátio da igreja, mas não os encontrará, visto que já foram perseguidos por D. Francisca; aí então destilará alguns conselhos sobre como agir nessas ocasiões, indo atrás dos pais e relatando o sucedido... e, depois, pela boquinha da noite, reservará um canto da missa para reclamar dos meninos, que destroem a igreja e sequer respeitam os mais velhos.

VÉSPERA

Os três últimos meses passaram devagarinho, a contagotas... pareciam não ter um fim. O velho gemendo no fundo da rede, no quarto escuro; a mulher – habituando-se – não mais tentava tapar os ouvidos com as mãos espalmadas.

No começo as filhas mais novas fugiam para as casas vizinhas e choravam tardes inteiras, consoladas pelas amigas. Os mais velhos adiavam a volta do trabalho e chegavam tarde, na esperança de já o encontrarem dormindo. Somente D. Matilde tinha coragem de enfrentar seus olhos de desespero e não derramava mais lágrimas diante dos seus gritos.

Desde o dia em que os médicos se reuniram para o diagnóstico – e o comunicaram em segredo à família –, a casa perdeu a vida que sempre tivera. Os meninos da rua não derrubavam mais as goiabas, a pedradas, no quintal; as amigas das filhas não mais vinham cochichar confidências de namorados. A casa tornou-se um silêncio só, e os únicos ruídos que se ouviam eram um que outro gemido, um leve roçar de colher em um prato, ou o soluço pausado de D. Matilde.

De tempos em tempos aparecia algum antigo companheiro de repartição, chegava sério em perguntas e saía cabisbaixo, lamentando muito. D. Matilde, vez por outra, lembrava antigas rixas entre ela e o marido, recordava-se da prepotência dele e

mastigava o lábio pensativa; a cabeça não deixava de balançar um pouco, em desdém.

Mas, com o passar dos meses, a situação foi piorando, os sedativos consumiam todas as economias da família; a vigilância ao doente passou a ser constante, pois qualquer esforço despropositado era mais um osso que estalava em meio a mil gritos de dor. A família confienciava entre si que somente a morte o livraria de tantos tormentos e aguardava ansiosa o momento certo, sem alardes.

Uma certa manhã, o doente acordou alegre, pediu um caldo forte e conversou como se todas as suas dores tivessem desaparecido. Lembrou-se do passado (com nitidez), perguntou por todos e se dispôs a dar uma volta, ir até o jardim. D. Matilde, entre alegre e preocupada, foi ao telefone público comunicar a novidade à família, que lhe recomendou cautela... não acreditasse em milagre, poderia ser a melhora da morte, fatal na véspera.

Previsão acertada. O doente conversou o dia inteiro, riu até; pedia em vão para ir ao jardim. À noite dormiu tarde e não acordou, aí então a família reuniu-se toda num velório rápido e o enterrou às três da tarde, como se temesse uma reversão do quadro.

URUBUS OU O DEDO DE D. JÚLIA

para Eduardo Campos

A casa, os parentes e alguns vizinhos curiosos pareciam destinados ao silêncio eterno, não fosse a atitude súbita da enferma de levantar o braço e apontar, com o dedo trêmulo, algum lugar no infinito, através da porta.

Todos já aparentavam aceitar resignadamente a morte próxima de D. Júlia; isto se traduzia no silêncio reinante na sala, só quebrado, vez ou outra, pelo vôo zumbido de uma mosca-varejeira ou pelo gemido baixo da moribunda.

Agora aquele dedo parecia apontar para todos e para ninguém ao mesmo tempo, mas, ao certo, causou um rebuliço na sala e um burburinho que mais se assemelhava ao vento na cumeeira da casa em noites de maio.

Os vizinhos foram saindo de fininho, assustados com a atitude da velha ou mesmo para espalhar o acontecido, pois D. Júlia, há seis dias, não levantava nem os olhos, quanto mais o dedo, o braço, a metade do corpo. Os familiares pareciam sair de um sono profundo e não sabiam se atendiam a doente ou se olhavam uns para os outros, vesgos.

Adalgisa agarrou com força o terço, balbuciou algo no ouvido da filha, olhou severa para o marido que, encostado na parede, a olhava apreensivo com um olho e para o dedo da sogra com o outro. Ambos estavam otimistas quanto à divisão dos bens, pois eram os mais benquistos dos filhos, os mais religiosos, os mais

prestativos. E se Adalgisa não largava o terço, era só para reforçar, afinal a vigilância se fazia necessária porque, devido às condições da mãe, o testamento seria dado a palavras e não por escrito, sendo esta a razão de estarem se revezando há seis dias ao lado da cama.

Paulo Ernesto tinha receios, desgostara por muito tempo a mãe, foi tido por alguns como o causador do enfarto do pai. Suas bebedeiras, seguidas de arruaças, manchavam o nome da família, daí ser o mais pessimista e, talvez por isso, o menos nervoso. Sabia de suas limitações, suas desvantagens. Olhava com desdém para os outros, desviando o olhar fixo vindo da cama. Também, nada tinha a perder, arriscava.

J. Maurício, o mais velho, há dez anos não visitava a família. Com riqueza feita, demonstrava moral e altivez nas suas poucas palavras. Resolvera vir quando comadre Verônica, por telefone, lhe garantira que desta vez era sério, não tinha volta, aproveitando para alertá-lo dos olhos grandes de seus irmãos. Viesse logo, senão seria tarde.

Liduína não dava opinião, o que desse era lucro. Deus é que sabe, promessa não falta. Sempre fora a mais pobre. O marido sem controle, jogando tudo no baralho, ainda chegava reclamando. Fosse ela atrás não, iria ficar sem nada, como sempre. Os irmãos eram espertos, não era à toa que tinham mais atenção da velha. Exigisse não e veria o resultado.

Manduca estudara em bom colégio, o único educado, distribuindo muitos bons-dias e muitas boas-noites, fingia não tomar pé da situação, não fazer cara feia de quem diz: “- Estou no páreo, não esqueçam de mim”. Muito pelo contrário, até desconversou quando Adalgisa o procurou por meio de ardeios e palavras amáveis. Mas era o mais temido por todos. Reconheciam nas suas amabilidades segundas intenções precoces. Desde menino era quem menos apanhava e mais ganhava doces nas refeições, um perigo. Por isso, o que mais atraía atenção.

O emaranhado de olhares vesgos se desenlaçou com dificuldade e se fixou atônito no braço estendido de D. Júlia. Traçando uma linha reta através do braço, chegou à porta, ao

meio da rua, ao infinito. J. Maurício e a mulher cochicharam que o dedo apontava para Adalgisa, na hora entrando para substituir o marido na vigília à mãe. Diria ela, através do gesto, que tudo seria da filha, ou apenas uma parte? Melhor não fazer notar a coincidência. D. Adalgisa tinha certeza de que a mãe mandava alguém se retirar. Quem, se seu olhar perdido não se dirigia a ninguém? A certeza diminuía, melhor seria aguardar, desfiando um terço. A primeira coisa a vir à cabeça de Liduína era que D. Júlia apontava para o céu. Na certa, vendo algum anjo vindo buscá-la. Mas, pensando melhor, não estaria ela apontando para sua própria casa, que ficava para aqueles lados? Ficou mais otimista e permaneceu quieta. Paulo atribuiu o gesto a sinais de caduquice da mãe, um gesto à-toa, sem maiores significados. Ou ela o mandava se retirar, para dividir tudo com os outros? Fez-se mais pessimista, porém não deu crédito ao pensamento, desviou outra vez o olhar. Manduca sorriu e de novo fez cara de desentendido, no entanto, lembrou que a fazenda Canafistula ficava para aquelas bandas, e sempre sentira simpatia pelo açude, pelo gado, e pelo sovaco de serra. Calou seu pensamento e deu mais alguns sorrisos.

No meio de interrogações e conjecturas, surge, alheia a tudo, a voz de Maria Rita, neta distinta, tímida, mas com tiradas de gente adulta. “- Olhem, a vovó está apontando para os urubus”. Saíram todos à porta e avistaram ao longe, no beiral do mercado, os urubus, quietos, quase fazendo parte da paisagem.

Após momentos de indecisão, o marido de Adalgisa deu a idéia. Na dúvida, por que não espantá-los? E ele mesmo se encarregou, dando um tiro de espingarda, afugentando os bichos, bem no exato momento em que o relógio da sala disparou quatorze ou quinze badaladas descompassadas, embora fossem apenas três horas da tarde, e parou repentinamente no mesmo instante em que D. Júlia deixava cair pesadamente o braço, cerrando as pálpebras para sempre.

Não se sabe se porque já não tinha mais os urubus a espreitá-la ao longe, ou se de susto pelo tiro; mas, com certeza, não repartiu seus bens e será respeitada até a última pá de terra sobre seu caixão, depois da qual tudo será diferente.

UM VELHO

para Sânzio de Azevedo

Segurou o corrimão com dedos trêmulos, os olhos entre serenos e assustados, fez um esforço enorme e subiu no ônibus pela porta da frente. Cumprimentou o motorista sem obter resposta, levando muito tempo para atravessar o espaço desde os degraus até as primeiras cadeiras.

Tinha um ar de marinheiro de muitas viagens; os olhos acesos procuravam, brilhando quando encontravam outros bem mais jovens; selecionou uns tantos e ficou à espreita – um caçador analisando a presa. Segurou-se no suporte da cadeira e suspirou fundo, disfarçando em um assovio baixo, tentando se acalmar – os olhos, mais acesos, vasculhavam; mirou um par deles, bem novos, quase infantis; aguardou por instinto, paciente... e a moça, pensando entender o olhar, retribuiu com uma simpatia que puxou um sorriso no canto do lábio. O velho renasceu, a respiração dobrou, a pele do pescoço ficou avermelhada que nem um galo de briga. As idéias rodopiavam na cabeça, no longo espaço entre o sorriso da moça e as primeiras palavras.

– O senhor quer sentar? Sente-se – e, sem dar tempo à resposta, foi levantando-se.

O moço antigo sentiu o golpe, murchando; as idéias rodopiavam mais e mais na cabeça; pigarreou tentando ganhar tempo, e a boca, sem o seu consentimento, respondeu:

– Não... não, obrigado! – Mas o corpo já vencido o levava à cadeira, ante a insistência da moça, que alegava notar seu cansaço, e ainda por cima o segurou pelo ombro na ajuda inesperada.

O homem murchou de vez, encolheu os ombros; as mãos – que, até o sorriso, se mantinham firmes – retomaram o ligeiro tremor, o pescoço novamente enrugou-se, e ele então sentiu uma paz tranqüila e triste... como nunca havia sentido na vida.

SOLUÇÃO ANTIGO

para José Alcides Pinto

Antigas visitas já mortas retornam à antiga sala de visitas.
Cumprimentam o cadáver de minha mãe, recebem um aceno
eufórico de meu pai moribundo.

– Cala a boca, velho caduco, deixa de falar só.

Grita a negra Suzete, da pia.



IMPrensa UNIVERSITÁRIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Composição, Impressão e Acabamento
Av. da Universidade, 2932 (fundos), Benfica
Fortaleza-CE - Fone: (85) 4009.7485 - Fax: (85) 4009.7486

Chico da Silva

Nascimento: 1910/1920 – Alto Tejo – AC
Falecimento: 1985 – Fortaleza – CE



Estranho Caniço Original
Técnica: Guache sobre cartão
74 x 93,5 cm
1959
Acervo MAUC



Coleção
Literatura no Vestibular
CCV/UFCE

- 1 **Os Bruzundangas** (Lima Barreto)
- 2 **A Casa** (Natércia Campos)
- 3 **Palimpsesto & Outros Sonetos** (Virgílio Maia)
- 4 **Moça com Flor na Boca: crônicas escolhidas** (Airton Monte)
- 5 **Dos Valores do Inimigo** (Pedro Salgueiro)
- 6 **A Vinha dos Esquecidos** (João Clímaco Bezerra)

Editora
UFCE

MAUC
Museu de Arte da
Universidade Federal do Ceará


FCPC


Universidade
do Ceará

ISBN 85-728



9 788572 821698